

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE HISTÓRIA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - LICENCIATURA**

TIAGO GONÇALVES RODRIGUES

**“A VIA CRÚCIS DO FILME *A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO*”**  
de suas Gênesis ao Apocalipse social cristão.

Uberlândia

2025

TIAGO GONÇALVES RODRIGUES

**“A VIA CRÚCIS DO FILME *A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO*”**

de suas Gênesis ao Apocalipse social cristão.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado  
ao Instituto de História da Universidade Federal  
de Uberlândia, como requisito parcial exigido  
para a conclusão do curso de graduação em  
História - Licenciatura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Spini

Uberlândia

2025

TIAGO GONÇALVES RODRIGUES

**A VIA CRÚCIS DO FILME *A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO***

de suas Gênesis ao Apocalipse social cristão.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado  
ao Instituto de História da Universidade Federal  
de Uberlândia, como requisito parcial exigido  
para a conclusão do curso de graduação em  
História - Licenciatura.

Orientadora: Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Ana Paula Spini

Uberlândia, 23 de setembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Ana Paula Spini (Orientadora)  
Universidade Federal de Uberlândia

---

Me. Lucas Cecchino Mendonça  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

Me. Vilmar Martins Júnior  
Universidade Federal de Uberlândia

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a meu pai, Célio Rodrigues da Silva, que por toda a vida me forneceu apoio e aprendizados dos quais jamais me esquecerei, e que, por tragédia, jamais conseguirá ler esta dedicatória. O dedico também a minha mãe, Elienaide Gonçalves da Silva, que foi minha âncora e meu suporte contra as piores tempestades, e que mesmo diante da tragédia, permaneceu aqui para ler esta dedicatória.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha companheira Fernanda, por acreditar em mim e neste trabalho mesmo quando eu falhei em acreditar, por ser luz quando o dia era escuro e por aproveitar intensamente comigo os dias ensolarados.

Aos meus amigos Bruno, Elias, Maria Paula, Ricardo e Yasmim, por serem a família que faltava na cidade que me era estranha e pela companhia nos momentos de alegria e tormenta.

Às minhas irmãs, Tais e Brenda, por sempre me receberem de volta com abraços independente do tempo que estive longe.

Às minhas companheiras da Diretoria de Cultura, Luisa, Camila e Iris, que me arrancaram sorrisos durante todas as tardes que estivemos juntos.

Aos meus amigos Italo e Yago, pelo apoio, companhia e por nunca me deixarem desviar do meu percurso.

À minha orientadora Ana Paula, por me acompanhar e ensinar tanto durante o processo deste trabalho e por também ser ouvidos quando tudo que eu precisava era falar.

À minha mãe que enfrentou a dura escolha de me deixar ir quando todos desejavam que eu ficasse e por ser minha morada quando estive ausente.

A todos que lerem estes agradecimentos e sentirem que de alguma forma deveriam estar aqui.

*“Sabia que a única coisa que  
me deixa triste nessa viagem,  
são as lembranças que tenho de ti.”*  
(Marcelo Gomes & Karim Ainouz, 2009).

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise do impacto gerado pelo lançamento do filme *A Última Tentação de Cristo*, do diretor Martin Scorsese, nos Estados Unidos no fim década de 80, especialmente entre as comunidades religiosas. O filme, lançado em 1988, é baseado no livro homônimo do escritor grego Nikos Kazantzakis, e aborda o personagem de Jesus Cristo de forma humanizada, com dúvidas e desejos, provocando revolta de fundamentalistas. Para isto, foram analisadas, além do filme, fontes da imprensa da época, especificamente jornais, que trazem informações sobre a recepção da obra pesquisada, as análises envolviam artigos de opiniões e notícias sobre protestos e vandalizações contra o lançamento. Por fim, trabalhando com conceitos da história visual, busca-se entender a natureza das imagens do filme, para assim compreender de que forma elas se opõe as imagens empregadas pela fé cristã no ocidente.

**Palavras-chave:** *A Última Tentação de Cristo*, história visual, história e cinema, religião e cinema.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the impact generated by the release of Martin Scorsese's film *The Last Temptation of Christ* in the United States in the late 1980s, especially among religious communities. The film, released in 1988, is based on the book of the same name by Greek writer Nikos Kazantzakis, and depicts the character of Jesus Christ in a humanized way, with doubts and desires, provoking outrage among fundamentalists. For this purpose, in addition to the film, press sources from the time were analyzed, specifically newspapers, which provide information on the reception of the work researched. The analyses involved opinion articles and news reports on protests and vandalism against the release. Finally, working with concepts from visual history, we seek to understand the nature of the images in the film, to comprehend how they oppose the images employed by the Christian faith in the occident.

**Keywords:** "The Last Temptation of Christ," visual history, history and cinema, religion and cinema.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
2. No princípio, era Martin .....	11
2.1. Primeiro, a tentação de Scorsese .....	11
2.2 A Via Crúcis da tentação .....	13
2.2 A 15ª estação, a ressurreição .....	14
3. Eis o filme! .....	15
3.1. Uma exploração ficcional do eterno conflito espiritual .....	16
3.2 Jesus, homem .....	17
3.3 A primeira <i>Via Crúcis</i> .....	20
3.4 Jesus, espírito .....	23
3.5 Jesus, santo .....	27
3.6 A última tentação de Cristo, viver .....	33
3.7 Entre o sacro e o profano, um julgamento pela imagem .....	40
4. Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que falam .....	42
4.1 A tentação da imprensa, cultura visual e o retrato de uma dualidade .....	48
4.2 <i>Última Tentaçào</i> , cultura visual e além .....	49
5. “Todos os que fazem imagens nada são”, sobre o ensino e imagens (não) canônicas.....	50
6. Considerações Finais .....	52
Referências Bibliográficas .....	53
Fontes.....	54

## INTRODUÇÃO

Já não pode ser visto como novidade a necessidade de repensar o estudo de culturas e sociedades a partir de novos aspectos. A escrita, outrora vista como fonte principal do estudo da história, é insuficiente para compreender processos importantes de partes da sociedade, dentre as novas formas de se pensar a história, a História Oral, por exemplo, se tornou uma ferramenta fundamental para explorar comunidades subalternas que tiveram sua existência ignorada ou apagada dos registros escritos. A limitação da fonte escrita também compromete, por exemplo, o estudo de toda a história humana antes de sua invenção, milhares de anos de migração e evolução são impossibilitados de serem estudados sob a luz de uma história escrita.

No sentido da imagem, uma nova maneira de se abordar o aspecto visual da cultura já era pensada na década de 80 nos Estados Unidos, denominada por W.J.T. Mitchell de *Pictorial Turn* (Virada Pictórica), “Essa noção não significa apenas a possibilidade de olhar o mundo usando imagens como objeto do conhecimento, mas que as imagens estiveram em todos os objetos do conhecimento já montados.” (Júnior, 2019, p. 18). No Brasil, Ulpiano Meneses não só reconhece a importância de um novo olhar para as imagens, como também denuncia uma insuficiência da historiografia ao abordar a visualidade (Meneses, 2003, p. 20).

Imagens sempre estiveram presentes no nosso cotidiano, antes mesmo da escrita (pinturas rupestres) ou até nas formas rudimentares da mesma (hieróglifos), dessa forma somos permeados por imagens desde o nascimento. As imagens que circulam majoritariamente em um determinado grupo ou sociedade, podem ser nomeadas de *iconosfera*, essas imagens são responsáveis em maioria por consolidar o imaginário social de um grupo. Para Meneses “Não se pode tomar a iconosfera, obviamente, apenas como o elenco de imagens disponíveis [...] trata-se, sim, de identificar as imagens de referência, recorrentes, catalisadoras, identitárias – ou aquelas que, em linguagem não técnica, são conhecidas como emblemáticas [...]” (2005, p. 1). São numerosos os exemplos, entretanto, para este trabalho basta se ater aos símbolos e imagens religiosos, e aqueles que fundam uma ideia de nação.

Dentre as imagens que compõem a iconosfera de um grupo, existem aquelas que, sem mesmo um texto de apoio, são facilmente reconhecíveis. Para o mundo ocidental creio que o exemplo magno seja a cruz, que apesar de assumir diferentes versões, podendo ser pequena, detalhada ou mesmo dois pequenos traços sobrepostos, é imediatamente vista como O símbolo sacro da mais influente das religiões. Ou mesmo símbolos nacionais, como uma bandeira ou

pinturas e obras famosas, no Brasil temos o expoente Pedro Américo. Nomeia-se tais imagens, ou ícones, de canônicos.

Ícones canônicos seriam aquelas imagens-padrão ligadas a conceitos-chaves de nossa vida social e intelectual, tais imagens constituem pontos de referência inconscientes, sendo, portanto, decisivas em seus efeitos subliminares de identificação coletiva. São imagens de tal forma incorporadas em nosso imaginário coletivo, que as identificamos rapidamente. (Saliba, 2007, p. 88).

Em 1988, chega aos cinemas estadunidenses o longa *A Última Tentação de Cristo* (*The Last Temptation of Christ*) de Martin Scorsese, baseado no livro homônimo do grego Níkos Kazantzákis. A história reconta os últimos anos da vida de Jesus Cristo, retratado como um homem comum, com dúvidas e desejos de uma vida mundana. O olhar humano para a figura mais sacra do cristianismo, filmado pelas lentes de Scorsese, atraiu as atenções e mexeu com os ânimos da comunidade cristã, tanto estadunidense quanto mundial: antes do lançamento, grupos fundamentalistas tentaram comprar os negativos originais do filme para queimá-los. Ainda no ano de lançamento, em 22 de outubro, o cinema *Saint-Michel* em Paris sofreu um atentado que deixou 13 pessoas feridas enquanto assistiam o filme. E mesmo antes do filme chegar em solo brasileiro, jornais como o *Correio Braziliense* já divulgavam a recepção “calorosa” que o filme recebera.

Baseando-se nos conceitos introduzidos acima, propõe-se pensar no filme *A Última Tentação de Cristo* como fonte e objeto da cultura visual e como sua circulação e recepção denunciam a ingerência das comunidades cristãs sobre a produção cinematográfica, mas também, em contrapartida, a participação do cinema nos debates sobre valores e comportamentos e a sua existência como campo de disputas. Buscando entender de que forma o estudo deste filme contribui para a compreensão da sociedade norte-americana no recorte de seu lançamento.

## **2. No princípio, era Scorsese**

### **2.1 Primeiro, a tentação de Scorsese**

Nascido em 1942 em Nova Iorque, filho de Charles e Catherine, Martin Scorsese é considerado hoje um dos maiores cineastas da história do cinema. Com obras seminais como *Taxi Driver*, *Os Bons Companheiros* e *Cassino*, o diretor conta com mais de 40 filmes dirigidos ao longo de sua carreira. Católico e descendente de italianos, Scorsese deixa claro em seus

filmes a influência da religião, seja de forma mais sutil, a partir do uso de cores (especialmente o vermelho), ou ainda de maneira direta, em seus longas *Kundun* (retratando a vida do 14º Dalai Lama), *Silêncio* (sobre as missões jesuítas no Japão) e, claro, *A Última Tentação de Cristo*.

Afetado desde cedo pelo cinema, Scorsese viu nos grandes cinemas de Nova Iorque sua paixão pelo espetáculo nascer, e além do espetáculo, pela ideia de filmar a vida de Cristo, “Eu sempre quis fazer um filme sobre a vida de Cristo, desde que o vi retratado na tela em *The Robe*, quando eu tinha onze anos.” (Scorsese, 1989, p. 117). Tendo sido atravessado pela religião desde a infância, quando era coroinha, Scorsese via no ato de filmar a vida de Jesus uma forma de se aproximar deste, “[...]e quando me perguntaram por que eu queria fazer esse filme, respondi: “Para que eu possa conhecer melhor Jesus”. De certa forma, toda a minha vida eu quis fazer isso: primeiro eu ia ser padre, mas não deu certo.” (Scorsese, 1989, p. 120). Quanto a sua escolha de adaptar o romance de Níkos Kazantzákis, ao invés de um evangelho por exemplo, se motivou pela forma de representação de Cristo no livro, “Achei a representação de Cristo, enfatizando o lado humano de Sua natureza sem negar que Ele é Deus, a mais acessível para mim.” (Scorsese, 1989, p. 116).

Há de fato na abordagem de Kazantzákis um olhar mais atencioso para o lado humano de Cristo, coisa que Scorsese, e seu roteirista Paul Schrader (que outrora escreveu *Taxi Driver* e *Touro Indomável*), buscaram ao máximo enfatizar no filme, especialmente o terror mediante seu lado divino, “E em vez de Jesus sorrir diante desses milagres, Ele fica apavorado.” (Scorsese, 1989, p. 118). Essa dimensão vista no romance e também no roteiro chamou atenção dos estúdios *Paramount*, que viu no baixo custo do projeto uma boa possibilidade, porém a trajetória do filme não seria tão simples assim.

Desde já gostaria de evidenciar uma surpresa quanto a essa pesquisa, a bibliografia lusófona que buscou pesquisar *A Última Tentação* é majoritariamente voltada um episódio específico – em 1988 o Conselho de Classificação Cinematográfica do Chile resolveu censurar o filme para a exibição no país, mesmo sob protestos (Junior, 2022, p. 238), o que levou a Corte Interamericana de Direitos Humanos a entrar com uma causa contra o governo chileno em 1999 (11 anos após o lançamento do filme) alegando que a censura atacava o direito à liberdade de expressão (Chiple & Prazeres, 2019, p. 235). Já a bibliografia norte-americana é mais vasta e plural, porém sendo mais abraçada pelas áreas da teologia e psicologia, com uma quantidade vasta de trabalhos explorando o potencial *queer* do longa. De tal forma é demasiada pobre a bibliografia que situa e explora historicamente e criticamente o filme. Portanto, será necessário neste trabalho assumir um risco, tentarei entrecruzar e analisar informações extraídas de

diferentes biografias de Martin Scorsese, e de poucos exemplares bibliográficos levantados para traçar um caminho do longa até a sua exibição.

## **2.2 A Via Crúcis de *A Última Tentação de Cristo***

A Via Crúcis é um evento bíblico que diz respeito ao caminho que Jesus percorreu carregando sua cruz desde sua condenação, até a sua morte. Este evento é composto por 14 estações, onde em cada uma dela Jesus passa por dores e martírios. Por questão poética, proponho a analisar que, assim como seu protagonista, o longa *A Última Tentação de Cristo* também passou por sua Via Crúcis, saindo de sua primeira produção até seu eventual engavetamento.

Em 1983 a Paramount se interessou pelo projeto, e em janeiro Scorsese voou para Israel para reconhecer possíveis lugares para se filmar, não tendo encontrado por lá, optou por Marrocos onde existiam de fato habitações que pareciam ter 2000 anos de idade (Scorsese, 1989, p. 120) (Lindlof, 2008, p. 52). E segundo Scorsese, “Em setembro, o elenco do filme já estava definido, o orçamento havia aumentado de US\$ 12 milhões para US\$ 16 milhões, e o cronograma de filmagens aumentou de noventa para cem dias.” (Scorsese, 1989, p. 120), com Harvey Keitel como Judas, Barbara Hershey como Madalena e Aidan Quinn interpretando Jesus (Lindlof, 2008, p. 58).

Porém, mesmo antes de se iniciar qualquer filmagem, a notícia se espalhou nos Estados Unidos, e Ronald Wilmon, fundador da *National Federation of Decency* (NFD) uma organização que se propunha a “cuidar” dos bons valores em produções midiáticas, ameaçou o filme, a Paramount e todos os grupos pertencentes aos produtores do filme, alegando valores não cristãos no filme (Lindlof, 2008, p. 63). Reiterando, as filmagens não haviam se iniciado. Um grupo de freiras publicou cartas alegando o caráter do material de adaptação do filme, e cartas foram enviadas a Paramount alegando, “Muitos dos escritores citaram os mesmos 'fatos' sobre o romance, e alguns alegaram, inexplicavelmente, que Jesus foi retratado no filme como homossexual.” (Lindlof, 2008, p. 65).

O aumento do orçamento, do tempo de gravação e “As centenas de cartas, cartões e petições entregues todos os dias falavam como uma só voz contra *A Última Tentação de Cristo* e aconselhavam um caminho a seguir: encerrar o projeto imediatamente.” (Lindlof, 2008, p. 65). Além disso, “Além disso Salah Hassanein chefe da rede de cinemas United Artists (a maior da América) na Costa Leste, ligou para Frank Mancuso, chefe de distribuição da Paramount, e disse que não exibiria nosso filme em seus cinemas” (Scorsese, 1989, p. 121). A somatória dos fatores, levaram ao caminho que se indicava, em 23 de dezembro de 1983, a Paramount se reuniu com Scorsese para afirmar que o filme não poderia mais ser produzido

pela empresa.

Ao longo dos anos seguintes, Scorsese ouviu muitos não de diferentes posições, tentou realizar o filme em parceria com a França, a opinião pública não permitiu (Lindlof, 2008, p. 88),

Quinze anos depois que o romance passou para suas mãos, Martin Scorsese estava deparando-se com uma realidade obstinada: *A Última Tentação de Cristo* era agora amplamente considerado um projeto de vaidade impossível, um filme que quase todos na indústria acreditavam que não poderia ser feito. (Lindlof, 2008, p. 89).

Tudo indicava que o projeto espiritual de descobrimento de Martin Scorsese havia sido selado.

### **2.3 A 15ª estação, ressurreição**

Algumas catedrais europeias optam por acrescentar a Via Crúcis uma 15ª estação, indicando a ressurreição de Cristo após a sua crucificação. Nesse sentido, ainda mantendo a poética comparação, podemos considerar e explorar a 15ª estação de *A Última Tentação de Cristo*.

Após encontrar nada além de portas fechadas em Hollywood, Scorsese não desistiu de seu projeto, mas desempenhou esforços para outros longas, como *After Hours* (1985) e *A Cor do Dinheiro* (1986), que tiveram desempenhos comerciais e críticos consideráveis, colocando Marty novamente no radar de grandes estúdios. Nesse momento, o agente responsável pelos projetos de Scorsese se tornou Mike Orvitz, que arranhou uma reunião com o novo representante da Universal, Tom Pollock, algo que Scorsese não levou muito a sério, “Voltei para Nova York e, de repente, a Universal se interessou em conversar — o único estúdio em Hollywood que nunca havia me cortejado antes.” (Scorsese, 1989, p. 123). E quase como um milagre, a Universal se interessou em produzir e distribuir o filme, dando uma sobrevida a um projeto engavetado por 4 anos.

Na época, em 1987, a empresa canadense de cinema Cineplex Odeon detinha uma grande parte das salas de cinema dos Estados Unidos e do Canadá, com mais de 1.600 salas de cinemas espalhadas pelos dois países (Lindlof, 2008, p. 105). E, como já havia aprendido com a Paramount, a Universal não poderia desenvolver o filme sem uma garantia de exibição, e assim, em 1987 a Universal conseguiu a parceria da Cineplex Odeon para metade do orçamento e a garantia de exibição em suas salas de cinema,

Se a Cineplex Odeon investisse 50% do orçamento em *A Última Tentação de Cristo*, a empresa obteria os direitos de distribuição canadenses em todas as mídias, bem como a primeira oportunidade de exibir o filme em todos os mercados dos EUA onde a Cineplex Odeon tinha cinemas. De uma só vez, o acordo reduziu pela metade o investimento da Universal em *A Última Tentação* e garantiu a cooperação de um dos

maiores circuitos de cinema do país para exibir o filme. A única fonte de receita que a MCA estava abrindo mão eram os mercados canadenses. (Lindlof, 2008, p. 106).

Garantida a participação orçamentaria e de distribuição do filme, *A Última Tentação de Cristo* tinha sinal verde para ser produzido. Quanto ao elenco, boa parte do filme se manteve, como Harvey Keitel e Barbara Hershey, com uma pequena exceção, Aidan Quinn não retornou como Jesus, sendo escalado, portanto, o jovem em ascensão Willem Dafoe, o que inclusive gerou uma reflexão de Scorsese, “Por incrível que pareça, todos os caras que consideramos para o papel tinham olhos azuis!” (Scorsese, 1989, p. 126). Dessa forma, em 12 de outubro de 1987 o filme retomou suas gravações no Marrocos, iniciando o que levaria milhares de cristãos fervorosos às ruas.

### **3. Eis o filme!**

O imaginário cristão é perpassado por imagens que dispensam apresentações, símbolos introduzidos à exaustão desde a mais tenra idade. Representações em pinturas, mídias corroboram com essas disseminações, seja da imagem de Jesus Cristo ou do objeto de seu martírio, a cruz. A religião cristã, por meio da sacralização de seus símbolos, transformou um método clássico de tortura em um objeto de adoração identificável de imediato. Esta operação é ainda somada do ritual de canonização, no qual a igreja torna figuras notáveis em santos, estes facilmente reconhecidos, como São Pedro, São Paulo, Santo Antônio etc.

Todos estes elementos de culto, constituem a chamada Iconosfera da religião cristã, entendida como o conjunto de símbolos e imagens que formam o imaginário cultural de um grupo (Meneses, 2005). A iconosfera é parte fundamental para se entender cultura visual, pois esta se encontra intrinsecamente ligada à forma como grupos se comportam, seja em cultos, festividades, cerimônias matrimoniais e fúnebres, dentre outros. Em suma, a iconosfera é parte importante da visão de mundo de um grupo, o que nos ajuda na investigação de determinados comportamentos e eventos envolvendo a composição deste imaginário.

Lançado em 1988, *A Última Tentação de Cristo* acompanha a vida de Jesus, retratado no filme como um humilde carpinteiro que é atormentado por vozes que segundo ele são chamados de Deus. Acompanhado por Judas e seus discípulos, Jesus segue sua jornada na Judéia que culminará em sua crucificação. Uma vez crucificado, é tentado mais uma vez por Lúcifer, que o faz sonhar com uma vida comum, onde ele renuncia seu papel como messias, se casa e forma uma família.

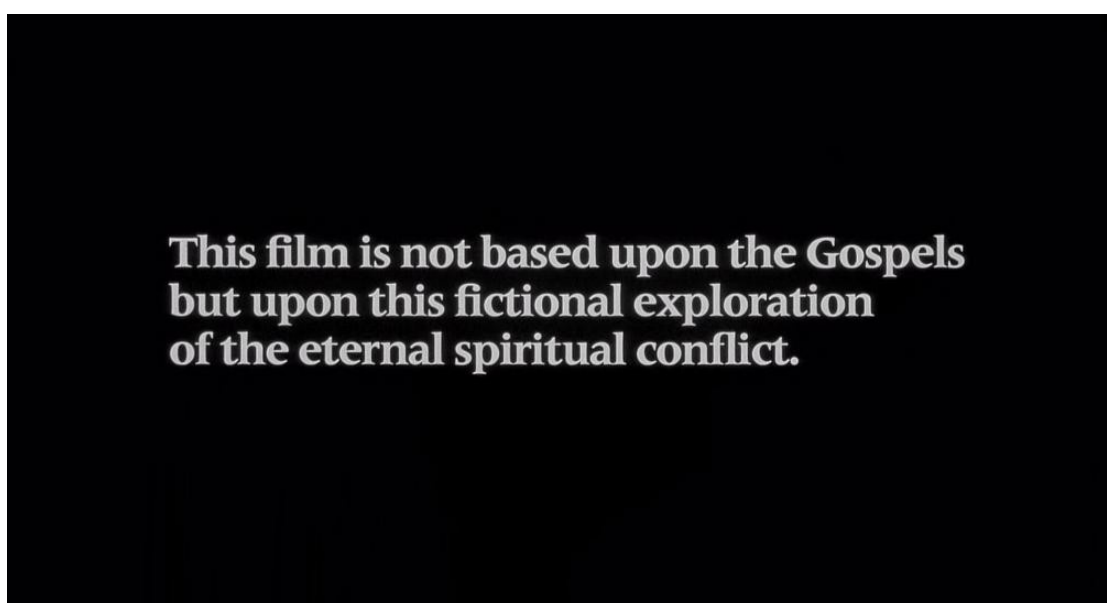
Retornando às imagens sacras do cristianismo, não é absurdo que um filme que busca investigar um período da vida de Cristo, guiado por um diretor cristão utilize parte deste

imaginário para compor suas imagens e sequências. O que por si só não era inédito, mesmo em 1988, filmes como *A Maior História de Todos os Tempos* (*The Greatest History Ever Told* – 1965), *O Evangelho Segundo São Mateus* (*Il Vangelo Secondo Matteo* – 1964) e até mesmo a minissérie *Jesus de Nazaré* (1977) – que popularizou Robert Powell como Jesus Cristo – já haviam utilizados de textos e imagens bíblicas. A roupagem inédita do longa de Scorsese consiste no objeto de sua adaptação, o controverso romance *A Última Tentação de Níkos Kazantzákis*, e na composição por vezes corajosas de seus planos.

Mesmo não sendo baseado em evangelhos, o filme foi duramente criticado e perseguido por grupos cristãos ao longo do mundo, especialmente nos Estados Unidos, pelo seu distanciamento dos textos bíblicos e por imagens que retratam Jesus como um homem comum. Cenas sexuais envolvendo a personagem de Maria Madalena, a família de Jesus e a constante negação que o mesmo faz de seu papel como messias, causaram um furor religioso que se alastrou, gerando um incêndio em uma sala de cinema de Paris, uma tela vandalizada nos Estados Unidos e grupos cristãos que se ofereceram a comprar o filme para destruição.

O objetivo deste capítulo, é esmiuçar cenas-chaves deste longa, com o intuito de tentar compreender, pela análise fílmica, como as imagens concebidas por Scorsese ferem ou não o cânone cristão. Para tal, essas cenas serão descritas, analisadas e posteriormente selecionadas em imagens “sagradas” ou “profanas”, pela maneira em que elas se aproximam e se distanciam da iconosfera ocidental cristã.

### 3.1 “Uma exploração ficcional do eterno conflito espiritual”



Card de texto que abre a projeção de *A Última Tentação de Cristo*, “Este filme não é baseado nos evangelhos, mas em uma exploração ficcional do eterno conflito espiritual” (Scorsese, 1988).



*A Última Tentação de Cristo* nos recebe explicitando informações importantes para o todo da obra, em primeiro momento, insere uma citação da introdução do livro *A Última Tentação*, na qual o autor diz:

" A dualidade de Cristo, o desejo, tão humano, tão super-humano, de alcançar Deus... foi sempre um impenetrável mistério para mim. Minha maior ansiedade e fonte de toda alegria e angústia desde minha juventude, tem sido o incessante, impiedoso conflito entre o espírito e a carne... e minha alma é a arena onde estas duas armadas se combatem e se encontram." (Kazantzákis, 1956).

Em sequência, a frase, “Este filme não é baseado nos evangelhos, mas em uma exploração ficcional do eterno conflito espiritual” (Scorsese, 1988).

Chamo atenção para essa breve introdução ao filme, que ocorre antes que qualquer imagem apareça na tela, pois nela é possível identificar um aparente desejo em comum entre Kazantzákis e Scorsese, o fascínio pela dualidade da figura de Cristo. Enquanto muitos enxergam somente o “espírito” e renegam que Jesus tenha tido qualquer tentação da “carne”, os autores se guiam mais interessados no aspecto ambíguo da figura.

### 3.2 Jesus, homem



Jesus é apresentado deitado em meio a terra. (Scorsese, 1988)

Partes desse fascínio de Martin Scorsese pela figura humana de Cristo é perceptível na forma de se abordar a figura como, acima de tudo, humana. Sua apresentação no filme é feita já em primeiro momento, deitado, com roupas simples e empoeiradas, na terra, quase em posição fetal. Na cena, Jesus descreve seu sofrimento, que ele atribui como chamados de Deus,

onde ele sofre de dores, alucinações que o paralisam. No momento do filme, o personagem se encontra confuso e em agonia devido a todas as perturbações que estes “chamados” lhe causam.

Esse enquadramento que visualmente “apequena” o personagem é repetido ao longo do filme. A opção de apresentar o personagem de forma tão aparentemente frágil, ressalta a posição do diretor perante a figura representada, Scorsese não lida com um ser divino, pelo menos não ainda, ele olha para Cristo como um ser comum, apavorado com a situação que lhe acomete. O ângulo quase zenital<sup>1</sup> da cena, ainda reforça esse olhar divino, quase como se estivéssemos observando Jesus do céu, entendendo sua figura.



Jesus mede a cruz, revelando suas feridas. (Scorsese, 1988).

Durante suas lamentações, somos guiados até a casa de Jesus, um local simples onde nos é revelado que ele, carpinteiro, produz cruzeiros para os romanos. Dessa forma, ao produzir mais uma cruz, Jesus usa os seus braços como forma de medição, compondo um plano onde nos é revelado as marcas em suas costas, advindas de suas autoflagelações durante os momentos de agonia. Em sequência, Judas entra na casa, tenta destruir a cruz e ofende Jesus, afirmando que ele é o único que ainda fabrica cruz, e o chama de “judeu assassino de judeus” (Scorsese, 1988).

Nesse plano, e na sequência que o segue, alguns pontos chamam a atenção especialmente devido a “previsibilidade” da história, não só já sabemos da morte de Jesus como sabemos a forma como a mesma irá ocorrer, dessa forma, constatarmos que este insiste em

---

<sup>1</sup> Plano zenital se refere ao quadro filmado com a câmera posicionada de cima, em um ângulo de 90°.

produzir as cruzes e medir a cruz com seus braços, nos incomoda, pois, sabemos a maneira que a história terminará.

Outro ponto que vale o destaque é a expressão “assassino de judeus”, não somente pelo ato, ofender Cristo com uma expressão demasiada negativa já é suficientemente chocante, mas também ouvi-la pela voz daquele que sabemos que “trairá” o mesmo. Essa inversão de papeis, onde Jesus parece desesperado e perdido e Judas determinado a lhe “mostrar o caminho”, também se torna uma estratégia recorrente de Scorsese, principalmente de maneira visual, com Judas constantemente ocupando posições de dominante.



Judas chega à casa de Jesus. (Scorsese, 1988).



Judas orienta Jesus, o plano escolhido coloca Jesus apequenado no canto e Judas acima de forma centralizada. (Scorsese, 1988).



### 3.3 A primeira *Via Crúcis*

A *Via Crúcis*, também conhecida como *Via Sacra*, se trata do trajeto realizado por Jesus desde sua condenação até sua crucificação no Calvário. Na sua Via, Jesus é torturado, humilhado e é obrigado a carregar sua cruz até o local de sua crucificação, caracterizando, portanto, um dos últimos momentos em vida de Cristo. A *Via Crúcis* enquanto arte sacra é facilmente reconhecível, compondo normalmente as paredes de igrejas católicas com cada uma de suas 14 estações em ordem. Todavia, se este é um momento terminal da vida de Cristo, por que o citar neste momento? Porque Scorsese assim o fez.



A primeira Via Crúcis, Jesus carrega uma das partes da cruz recém fabricada por ele. (Scorsese, 1988).

Logo após a visita de Judas, Jesus carrega a cruz fabricada por ele para a crucificação de condenados por Roma, passando assim por uma espécie de *Via Crúcis* antecipada. É curioso notar que neste momento, Jesus carrega a cruz não para seu próprio martírio, mas sim para condenação de um par, sendo assim, Jesus não carrega o fardo como crucificado, mas sim como crucificador. Assim, elementos visuais reforçam essa postura (que irão se contrapor com elementos da *Via Crúcis* de fato), a opção por uma iluminação mais “lavada” e crua torna a imagem mais sem brilho, sem graça, assim como a opção de um campo mais aberto, que não engrandece o indivíduo.

Entre os fatos que compõe a *Via Crúcis*, estão os encontros que Jesus faz com familiares e discípulos, algo que também sofre inversão neste momento do filme. Enquanto na *Via Sacra* original Jesus é ajudado por Simão de Cirene, aqui ele é hostilizado com pedras e empurrões do povo judeu, enquanto nos escritos bíblicos uma piedosa mulher chama Veronica limpa o

rosto de Cristo, aqui, Maria Madalena cospe no rosto do mesmo. Todos estes acontecimentos transformam essa alusão a uma caminhada, sacra para os cristãos, num verdadeiro pesadelo, que culmina no julgamento máximo do personagem, onde ajoelhado aos pés do judeu que será crucificado, Jesus é encharcado pelo sangue deste.



Maria Madalena encara Jesus com decepção, o plano pressiona Jesus contra o canto, com olhar cabisbaixo e envergonhado. (Scorsese, 1988).



Madalena se aproxima de Cristo, cospe em seu rosto. (Scorsese, 1988).





Jesus segura os pés do homem crucificado, o martelo acerta o prego e suja o rosto de Cristo com sangue. (Scorsese, 1988).



Após a crucificação, Jesus agoniza de dor ao ser mais uma vez perturbado pela “voz de Deus”, neste momento ele assume que quer que Deus o odeie, e para isso ele continua produzindo as cruzes. (Scorsese, 1988).

Imediatamente após a crucificação do homem, os gritos de dor e desespero do crucificado se misturam com os de Jesus que, deitado ao chão agoniza de dor ao ser punido por Deus. Após esse momento, Jesus admite que sabe que Deus o ama, mas que ele quer que Deus o odeie, para isso continua produzindo as cruzes, e conclui dizendo “Eu crucificarei todos estes Messias!” (Scorsese, 1988), novamente, Scorsese opta pelo uso do plano zenital, reforçando esse olhar divino que recai no corpo de Cristo. O fim deste primeiro ato do filme marca uma

mudança na postura de Jesus quanto ao seu chamado, agonizando de dor, Jesus decide compreender melhor essa voz que o clama e parte em peregrinação para o deserto. Antes, encontra Madalena e pede perdão a ela, com semblante triste, ajoelhado e apequenado pelo plano.



Jesus pede perdão a Maria Madalena. (Scorsese, 1988).

A opção de Scorsese por manter Jesus enclausurado nos cantos é frequente durante boa parte do longa, reforçando a ideia de um homem apequenado e preso pelo destino que ele não sabe qual é, mas sente dentro de si que será algo trágico. A confusão exposta pelo olhar de Willem Dafoe também é um indicativo do conflito, daquele que sabe que para alcançar a paz precisará percorrer um caminho que será ainda mais doloroso. Essas escolhas também reforçam o caráter investigativo do filme de Scorsese, de compreensão dessa figura. Após essa “primeira parte”, Scorsese altera sua postura, embarcando numa jornada de conhecimento do protagonista.

### **3.4 Jesus, espírito**

A busca de Cristo por entender seu papel se encontra com o desejo de Scorsese de filmá-lo, portanto, existe aqui uma virada brusca na concepção das imagens. Se no primeiro ato do filme a escolha por iluminações mais uniformes, enquadramentos claustrofóbicos e a própria feição de Dafoe nos mostrava um homem falho e perdido quanto a suas vontades e destino, Scorsese agora opta por iluminações mais delimitadas, enquadramentos centralizados e Willem

Dafoe emprega mais força em seu olhar. É importante dizer que, como uma busca, ela ainda demonstra dualidades, portanto, o olhar antes confuso perante tudo, agora se torna apavorado com os próprios atos, ou maravilhado com sua capacidade.



Jesus joga sementes de maçã e se maravilha com o pomar que nasce imediatamente. (Scorsese, 1988).



Horrorizado, Jesus arranca fora seu próprio coração em discurso com seus discípulos. (Scorsese, 1988).

É também neste momento que conhecemos os milagres mais conhecidos de Jesus, a cura do cego, a transformação da água para o vinho e a ressurreição de Lázaro, estes milagres são cuidadosamente decupados em cenas bem iluminadas. A ressurreição de Lázaro, por exemplo,



mostra Jesus de pé centralizado, rodeado por fiéis que o olham com admiração, composição muito comuns em pinturas, em completo contraste com as imagens anteriormente mostradas.



Em ordem de aparição: Jesus se prepara para o exorcismo, Jesus cura o cego, Jesus transforma a água em vinho. (Scorsese, 1988).



A ressurreição de Lázaro. (Scorsese, 1988).

Após a operação dos milagres, Jesus segue para um templo judeu, onde junto aos seus discípulos destrói inúmeras tendas de comerciantes, irritando-os e atraindo atenção do império.

O ritmo do filme nesse momento muda, em um breve momento em que, Jesus se apavora diante do povo no templo e pede a Deus um sinal do que deve ser o seu destino.



As palmas de Jesus sangram. (Scorsese, 1988).

Como sinal, as palmas de Jesus sangram, indicando que seu destino é ser crucificado, morrendo como mártir. Posteriormente, Jesus pede ajuda a Judas, que o socorre, neste momento Scorsese retorna a um momento realizado no início do filme, em que novamente escanteia Jesus no quadro, colocando Judas como seu único apoio.

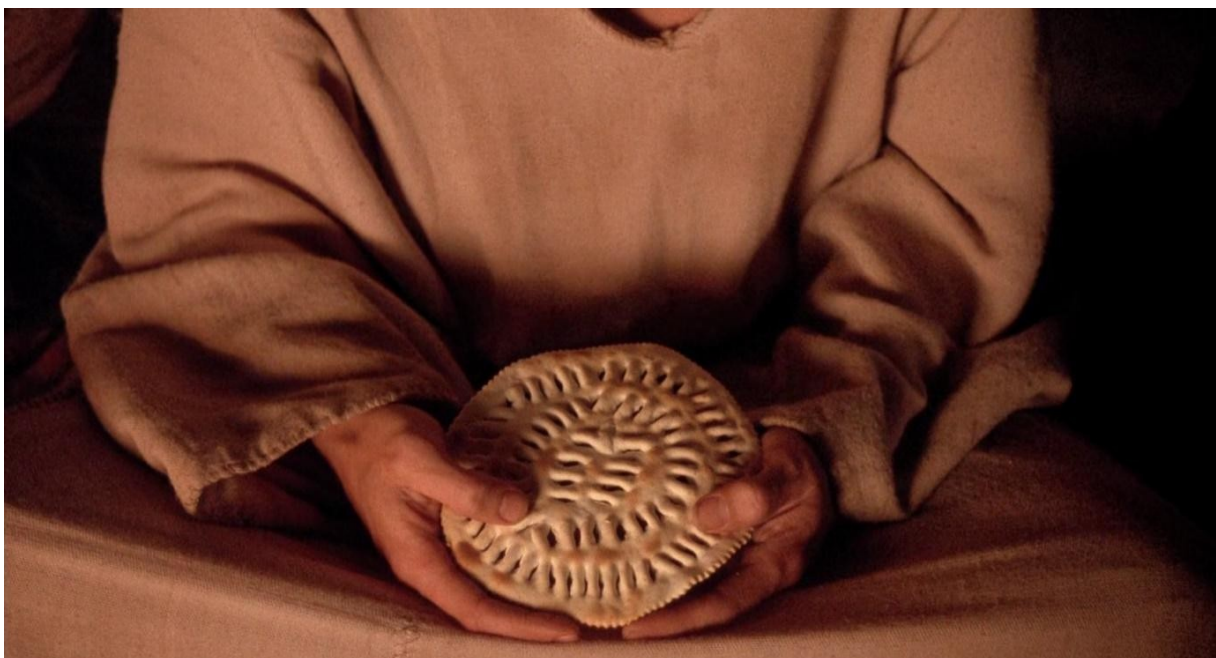


Apavorado, Jesus informa a Judas que deve ser crucificado. (Scorsese, 1988).



Uma das grandes dissonâncias da história de *A Última Tentação de Cristo* (tanto este longa, quanto o romance), está no tratamento ao personagem de Judas, enquanto no texto bíblico a traição de Judas pode ser lida como revolta e ganância (no texto bíblico lhe é ofertado 30 moedas de prata<sup>2</sup>), no longa o próprio Cristo lhe informa que Judas deve entregá-lo aos romanos, devido a sua extrema devoção. Após essa sequência, entramos no período conhecido como a “paixão” de Cristo, as últimas horas de vida de Jesus, onde o filme e o texto bíblico se alinham, o que resulta em uma aproximação de Scorsese com o sagrado.

### 3.5 Jesus, santo



A Última Ceia. (Scorsese, 1988).

A análise deste ato do filme começa com a tradicional Última Ceia, que aqui foge do texto bíblico, pois, além de contar com personagens que tradicionalmente ali não estariam, como Maria Madalena, também não contamos com o fatídico momento da revelação que alguém entre eles iria trair Jesus. Outro ponto que inclusive se desvia não somente dos evangelhos, como também da iconografia cristã, está na decupagem da cena. A mais famosa representação da Última Ceia está no quadro homônimo de Leonardo da Vinci, onde temos uma mesa bem-posta com Jesus em trajes tradicionais dessa iconografia, no centro de todos seus

---

<sup>2</sup> Mateus 26:14-16

apóstolos. No longa por sua vez, Jesus aparece com trajes simples, nos quais ele adota por boa parte da projeção, com todos os apóstolos sentados ao chão.

Logo em sequência, temos o momento em que Jesus é capturado pelos romanos, onde podemos acompanhar o famoso “beijo de Judas” que, não somente no texto bíblico, mas no imaginário popular se tornou um sinônimo para um ato de má fé e traição. Buscando se afastar deste padrão, visto que a própria figura de Judas é completamente repensada no longa, Scorsese opta por mudanças quanto a representação clássica. Sendo assim Jesus no jardim se entrega aos romanos, enquanto o beijo de Judas, representado como um beijo nos lábios, seguido de um abraço, representa e simboliza muito mais uma despedida feliz do que uma traição.



A despedida de Judas. (Scorsese, 1988).

Avançando de sua captura para seu julgamento, Jesus encontra Pôncio Pilatos, onde este tem uma franca conversa com Cristo sobre suas ações e o que iria acontecer com ele, uma conversa que se inicia com Pilatos de pé de forma incisiva, e à medida que se prossegue, este se senta ao lado de Jesus em posição de igualdade, mesmo sabendo do destino de Cristo, este o viu como um igual. Jesus, portanto, segue para seu martírio, onde é despido e torturado por soldados. Nesse momento, a sacralização do personagem de Scorsese é intensificada, com um quadro em que a coroa de espinhos é colocada, onde a iluminação intensifica as cores de seu rosto, agora sereno, e oculta todo o resto da sala, mantendo somente seu rosto em destaque. Em sequência este aparece de nu, flagelado e iluminado por uma janela de forma engrandecedora.



Jesus é coroadado. (Scorsese, 1988).



Jesus é flagelado. (Scorsese, 1988).

A primeira coisa a se perceber nestas cenas é a disparidade para o que chamei de “Primeira Via Crúcis”, onde o caminho de Jesus é praticamente o mesmo, por exemplo, antes de carregar a cruz pelas ruas, Jesus é visto colocando uma espécie de cilício para se punir, mas, como já explanado acima, a iluminação e escolhas do enquadramento tornam a cena seca, sem envolvimento. Já aqui, os soldados são jogados nas sombras, enquanto Jesus é o único que pode ser visto com clareza, e ainda iluminado de cima, quase como se o olhar de Deus, que antes o perturbava, agora guiasse o seu caminho. A escolha do plano também contrapõe os tradicionais

enquadramentos sufocantes e zenitais que apequenavam Jesus, visto brevemente de baixo, ele está centralizado e imponente.

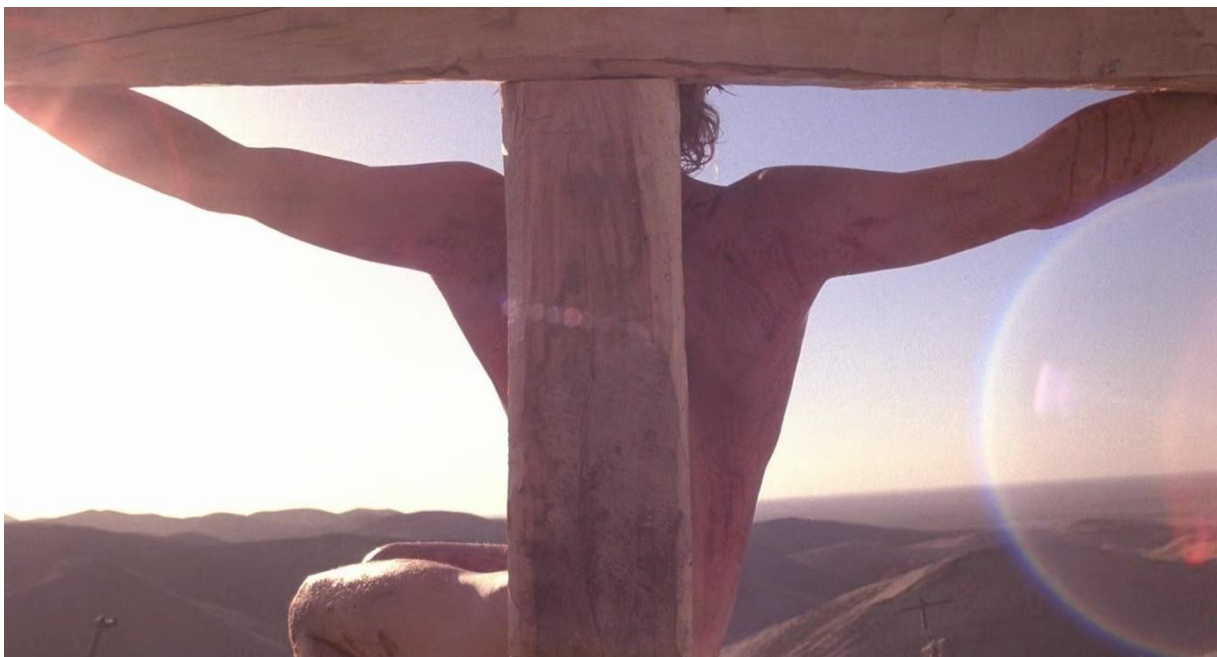
É possível perceber também uma mudança na forma de se filmar a *Via Crúcis*, anteriormente a decupagem permitia um plano mais aberto que filmava Jesus da mesma forma que filmava quem o julgava e apedrejava. Agora o rosto daqueles que riem de Cristo é mal iluminado, escuro, enquanto este, antes visto de frente (como se a câmera também estivesse o julgando), agora é visto de cima (como se algo divino olhasse por ele) e iluminado por um feixe de luz que o acompanha em meio a multidão.



Jesus Cristo carrega sua cruz em meio à multidão. (Scorsese, 1988).

Seguido de sua crucificação, Scorsese compõe um dos planos mais interessantes do filme, onde Jesus, já pregado na cruz, é erguido pelos soldados, a escolha de Scorsese é pouco usual, o diretor recusa o impacto direto da cruz sendo erguida pela frente e sim, prende sua câmera por trás da cruz, acompanhando a subida cruz por cima. A sensação do plano é que, juntamente com sua cruz sendo erguida, Jesus estaria ascendendo aos céus, e de cima, estivesse de braços abertos para o mundo. Em sequência, temos sim o enfrentamento frontal, Jesus Cristo, despido e crucificado em frente a multidão furiosa, o mais emblemático evento da religião cristã, por fim, completo.





Jesus Cristo abraça o mundo. (Scorsese, 1988).



Jesus Cristo, crucificado. (Scorsese, 1988).

Nos eventos que se seguiram, Jesus brinde a frase “Pai, por que me abandonaste?”, a frase, presente no texto bíblico e em severas adaptações deste, é interpretada de inúmeras formas, aqui neste trabalho ela será vista como uma ponte para o que é visto em sequência no filme. Martin Scorsese usa o momento desta frase com outro recurso visual, o Plano Holandês, tradicionalmente interpretado como uma forma de retratar personagens ambíguos ou espiritualmente e sentimentalmente confusos. É curioso que o diretor tenha optado por este

plano no momento em que esta frase é dita, pois, imediatamente após o plano a sequência mais controversa do filme se inicia.



“Pai, por que me abandonaste?”. (Scorsese, 1988).

O escritor, roteirista norte americano Syd Field, amplamente conhecido por seus “manuais” de roteiro, popularizou com seus livros a chamada estrutura de 03 atos de um filme, segundo ele, mesmo que o realizador do filme não deixe claro, é possível dividir claramente um roteiro em 03 partes, apresentação, confrontação e resolução (Field, 1982, p. 12). Porém, alguns filmes tendem a fugir dessa estrutura, adotando comumente mais 1 ato, e Scorsese realiza isto em alguns de seus filmes (inclusive em seu filme mais recente *Assassinos da Lua das Flores*), e é possível claramente perceber isto também em *A Última Tentação de Cristo*. É natural pensar que, um filme que retrata a vida de Jesus, especificamente o período de sua crucificação, se finalize com este evento, porém, na verdade se inicia o 4º ato de *A Última Tentação de Cristo*.



### 3.6 A Última Tentação de Cristo, viver



A visita do anjo. (Scorsese, 1988).

Após seu questionamento a Deus, Jesus recebe a visita de anjo, materializado na forma de uma criança, o anjo, que se denomina como o anjo da guarda de Jesus, diz que o pai de Jesus é o Deus da misericórdia e Jesus já havia sofrido o suficiente. O anjo sobe, beija as feridas de Cristo, e o retira da cruz, afirmando que ele cumpriu seu objetivo, e que Jesus não era o Messias. Com um olhar pra trás, Jesus encara a cruz vazia, enquanto segue para um campo verde, guiado pelo anjo.



A cruz, vazia. (Scorsese, 1988).

A cruz é um antigo e amplamente conhecido método de tortura, uma cruel forma de morrer, onde o crucificado poderia permanecer por dias em agonia até que seu corpo sucumbisse a exaustão. Esse símbolo de extrema violência e horror foi completamente ressignificado ao longo dos séculos, especialmente no ocidente, onde muitas vezes sequer é lembrada sua real finalidade. A transformação religiosa da cruz em um objeto que sintetiza o amor de Cristo pela humanidade, fez com que este se tornasse o símbolo máximo do cristianismo, ocupando igrejas, casas, empresas, escolas, hospitais e etc., uma imagem canônica, que segundo Saliba, dispensa apresentações, legendas, um símbolo de reconhecimento imediato, que de certa forma age como uma bandeira territorial de que aquele ambiente é, acima de tudo, cristão (Saliba, 2007, p. 88).

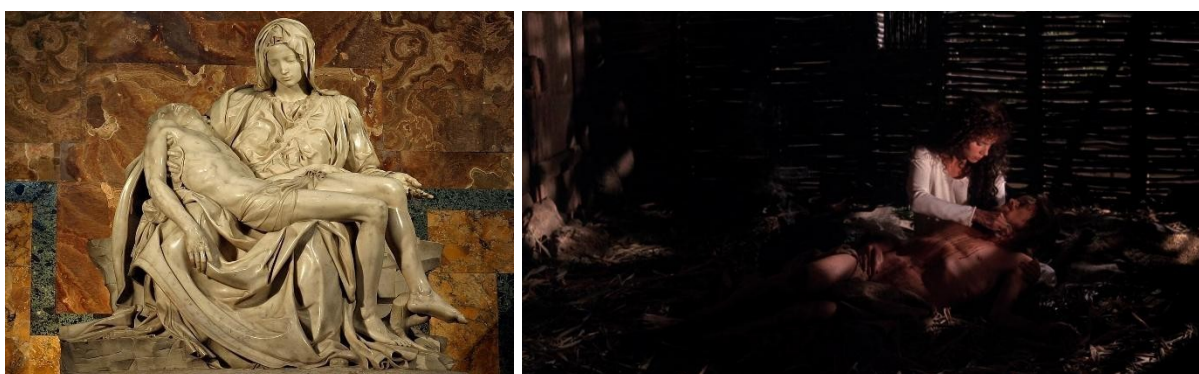
É exatamente por isso que podemos considerar esta imagem a mais emblemática do longa, pois, ao retirar Jesus Cristo do objeto de seu martírio, esvazia-se de sentido o objeto mais sacro de toda uma religião. Sem Cristo, a cruz retorna ao seu estado de violência primitivo. Outras escolhas criativas deixam a cena ainda mais simbólica, por exemplo, ao optar por manter o ambiente mudo (somente a voz de Cristo e do anjo são ouvidas), a multidão que humilhava e ria da crucificação de Jesus se torna silenciosa, e, por estarem de costas para câmera, não é possível diferenciar suas ações odiosas de uma adoração a uma cruz agora vazia. Com apenas um corte e um plano, Scorsese dessacralizou o mais reconhecido signo da mais cultuada religião do mundo.



Jesus encara a cruz. (Scorsese, 1988).



Prosseguindo, Jesus encontra Maria Madalena em uma floresta, vestida de noiva, ao questionar ao anjo este lhe diz que a dádiva de Deus é a possibilidade de amar, de ter filhos, ele se reencontra com Madalena, que o abraça. Os dois são vistos em uma casa, onde Jesus se deita sobre o colo de Madalena enquanto ela limpa suas feridas. É inegável nesse plano a semelhança da composição com a da amplamente conhecida *Pietà* do artista renascentista Michelangelo, escultura que representa a Virgem Maria com seu filho Jesus morto em seus braços, o olhar das mulheres, a posição de Jesus (com um dos estendidos e com poucas vestes), além da iluminação que reforça o momento monumental da cena. Porém, aqui a diferença não está na composição da cena (como visto na Última Ceia), mas sim de seu significado, se na *Pietà* de Michelangelo a figura de Maria e Jesus representava a piedade de seu amor materno, Scorsese concebe a sua *Pietà* como símbolo de um amor romântico e, posteriormente, carnal trocando a Virgem Maria por Madalena e dando a Jesus uma vida mundana.



*Pietà*, Michelangelo à esquerda (1499), e Martin Scorsese à direita. (Scorsese, 1988).



A consumação do amor de Jesus. (Scorsese, 1988).

A cena que envolve a relação sexual entre Jesus e Madalena é, sem dúvida, a mais polêmica do filme, mas não pelo aspecto imagético, sendo inclusive bem contida em relação a outros momentos em que partes do corpo de Madalena estavam bem mais explícitas. A cena é filmada em baixa iluminação, combinando a visualidade do ato (que é suficientemente óbvia) mas uma certa sugestão, já que nada é demasiado erótico. A cena se alterna posteriormente para um plano de Madalena já grávida, o que, mesmo polêmico, se mantém fiel a ideologia cristã do “sexo para reprodução”, onde se omite o tempo de gestação e quaisquer outras relações sexuais, mantendo somente aquela que importa. Não suficiente, no mesmo plano, Madalena é atingida por uma luz branca vindo do céu, que o anjo revela sendo Deus levando-a aos céus, para a revolta de Jesus, algo que o anjo responde dizendo que “só existe uma mulher no mundo, e ela possui diferentes faces” (Scorsese, 1988), induzindo Jesus a se casar com a irmã de Lázaro. Ainda sobre tutela do anjo, Jesus se casa novamente e, então, constitui sua família.



Jesus e sua família. (Scorsese, 1988).

O caminho de Jesus é então cruzado por Saul, agora batizado Paulo, que prega o evangelho sobre um homem chamado Jesus Cristo, que morreu na cruz para limpar a humanidade de seus pecados. Revoltado com a história mentirosa, Jesus confronta Paulo, que o responde dizendo que construiu a história que as pessoas precisavam ouvir, e que ele não imaginava o quanto as pessoas precisam de Deus. Paulo, portanto, conclui que foi bom encontrar Jesus pois o Jesus que ele acreditava era muito mais forte e poderoso. Há um salto, vemos Jesus, agora bem mais velho, conversando com o anjo, quando mulheres gritam que Jerusalém está em chamas.





A destruição de Jerusalém. (Scorsese, 1988).

É comum e recorrente, na filmografia de Martin Scorsese, a retratação de personagem moralmente ambíguos, tendo realizado filmes como *Os Bons Companheiros*, *Taxi Driver*, *Cassino*, o diretor demonstra um apreço por histórias atravessadas por homens violentos envolvidos em ecossistemas opressivos. Porém, também recorrente, é a forma como Scorsese, discretamente, julga seus personagens, normalmente o diretor opta por um uso de vermelho vivo, remetendo ao sangue e o pecado, envolvendo os personagens nessas cores, Scorsese silenciosamente condena os personagens por suas ações, não é diferente aqui.





O vermelho em *A Última Tentação de Cristo*. (Scorsese, 1988).

A opção deste uso de vermelho, nos traz a impressão de que o céu está sangrando, como se algo de muito errado estivesse acontecendo, como se o mundo estivesse de fato acabando, e ao analisar este filme como uma parte da filmografia de Scorsese, fica nítido o momento que este tira para julgar esse personagem que ele tanto investigou. Como se não bastasse as cores, na cena seguinte, os apóstolos, agora idosos, entram na casa de Jesus, e o julgam, especialmente Judas, o qual, por uma escolha poética de Kazantzakis e Scorsese (o romance e o longa tem o mesmo diálogo), grita que Jesus na verdade é um traidor e covarde, por ter fugido da cruz.



O julgamento de Cristo. (Scorsese, 1988).

Ao se defender dizendo para Judas que o seu anjo da guarda foi enviado por Deus para salvá-lo da crucificação, Judas debochadamente responde “Anjo? Qual anjo? Veja: Satanás” (Scorsese, 1988), mostrando que, na verdade, o anjo que acompanhou Jesus durante toda a vida pós cruz, era na verdade Lúcifer. Jesus se apavora ao perceber que toda a sua vida nos últimos anos foi, na verdade, uma grande tentação.



O anjo se revela Lúcifer. (Scorsese, 1988).

Jesus então, arrependido, rasteja de sua cama até um monte, onde desesperadamente pede perdão a Deus, diz que está arrependido e que quer “Ser crucificado e nascer novamente! Eu quero ser o Messias!” (Scorsese, 1988), concluindo que, após sua última tentação, ele decidiu, sim, seguir o caminho prometido a ele. A transição da cena ocorre entre o grito de Jesus e retorna ao Calvário, onde ele se encontra novamente crucificado, revelando que tudo foi um sonho ou visão. Em paz, Jesus Cristo sorri, exclama “Está consumado!”, aludindo que seu sacrifício agora está completo, e com o sorriso de Jesus, o filme se encerra.





Jesus implora por perdão. (Scorsese, 1988).



“Está consumado!” Jesus morre na cruz com um sorriso. (Scorsese, 1988).

### **3.7 Entre o sacro e o profano, um julgamento pela imagem**

Antes de concluir a análise das cenas selecionadas, cabe lembrar mais uma vez que o filme não se propôs a ser uma narrativa bíblica em nenhum momento, portanto, tampouco cabe a este trabalho julgá-lo a partir deste texto. O que cabe aqui é, a partir do consolidado cânone cristão, especialmente imagético, investigar até que ponto as imagens concebidas aqui podem ferir ou aludir a este imaginário, e então analisar uma reação ao lançamento do filme.

Sendo assim, é nítido a inspiração de Scorsese a elementos figurativos desta iconosfera, a maior delas sendo a opção de um ator branco para o papel de principal, historicamente Jesus



teria nascido na região de Belém, localizada na Palestina, sendo assim bastante improvável que este fosse um homem branco. Porém, as representações artísticas mais reconhecidas de tal personagem consolidam a imagem de um homem branco de cabelos longos e lisos, sendo assim, Jesus por Willem Dafoe compõe parte deste imaginário de forma exímia, o que foi reconhecido por Scorsese, “"Ele parecia Jesus como o conhecemos em imagens religiosas", disse Scorsese sobre os olhos azuis, cabelos claros e feições típicas do norte da Europa do ator.” (Lindlof, 2008, p. 109), assim como todos seus discípulos e conterrâneos.

Mesmo com a não adoção da bíblia como material de adaptação, é possível notar um respeito com os principais milagres operados por Jesus, como a cura do cego, a ressurreição de Lázaro, a transformação da água em vinho. Assim como a iconografia clássica relacionada a crucificação (a coroa de espinhos, a cabeça de Jesus levemente tombada para o lado e o uso de pregos para sua fixação). Sendo assim, é possível afirmar um cuidado com a adaptação de todas as principais etapas da vida de Cristo. Além de que é inegável a admiração que Scorsese demonstra para com seu Jesus e sua trajetória, de homem atormentado até o santo, seguindo por um caminho de descobrimento de seu destino, enquanto o próprio Scorsese descobre mais sobre ele. É plenamente perceptível no fim do 3º ato, onde as imagens pré-crucificação demonstram uma postura de força e tem um enquadramento invejável, construindo a imagem de Cristo como de um homem imperfeito, mas admirável.

Sendo assim, o que poderia causar certa agitação quanto a este imaginário? De que forma uma representação que abriga principais componentes de uma mitologia, e ainda dispensa um campo de disputas tão intensas quanto o da racialidade de seu santo, poderia ser polêmica? A resposta está no fato que, mesmo as mais canônicas imagens empregadas por Scorsese são profanadas.

“Devo dizer que há momentos no filme em que retorno às imagens católicas tradicionais, por exemplo, a grande rocha no Jardim do Getsêmani, onde Cristo reza, algo que me veio diretamente da infância. Imaginei essa imagem Dele suando sangue, exatamente como a vira na escola católica. Mas há outros momentos em que gosto de simplesmente me deleitar com esse tipo de imagem.” (Scorsese, 1988, p. 126).

Veja como o diretor opta por realizar uma Via Crúcis ainda no início de seu longa como forma de julgamento de seu personagem, ou a própria posição de fraqueza perante personagens controversos (Judas e Madalena), a postura de Dafoe horrorizado perante os milagres, demonstrando incerteza quanto ao que está fazendo. Outro ponto de controvérsia é a representação de Judas e Madalena, o primeiro é totalmente revisto, retratado aqui como um homem justo e completamente fiel a Jesus e o mais forte dos discípulos, já Madalena ganha um destaque na história, se tornando também discipula de Jesus, participando da Última Ceia e,

durante a visão, sendo uma esposa de Cristo. O próprio figurino de Madalena, suas tatuagens e vestimentas chamam a atenção, como se o diretor quisesse que ela fosse vista.

Os enquadramentos como o da Última Ceia e o que antecede a relação de Jesus e Madalena, aludem a obras artísticas consolidadas, mas repensados, enquanto a Última Ceia torna Jesus e seus discípulos homens humildes, a *Pietà* tem seu significado materno alterado, e a própria crucificação tem seus momentos de profanação. Por fim, a sequência da destruição de Jerusalém e da redenção de Jesus, mostram uma situação em que o próprio diretor julga o personagem, mostrando que mesmo ele “discorda” das escolhas de Jesus. Concluindo, mesmo com momentos de respeito e admiração por parte de seu diretor, e não exibindo uma intenção clara de ferir princípios e afetar a narrativa religiosa (visto que aspectos principais da narrativa bíblica permanecem os mesmos), *A Última Tentação de Cristo* causa feridas ao cânone e à iconosfera cristã, ao conceber imagens que, mesmo por vezes engrandecedoras e respeitadas, possuem elementos que alteram e fogem do imaginário.

#### **4. Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que falam**

O lançamento de *A Última Tentação de Cristo* aconteceu em 12 de agosto de 1988. O filme, que foi produzido em parceria com a rede de cinemas Cineplex Odeon (que na época possuía uma quantidade absurda de salas de cinema disponíveis), levou uma grande quantidade de pessoas aos cinemas, seja para assistir a obra ou para boicotar seu lançamento. Coberto de polêmicas desde antes de seu lançamento, a recepção do filme provou que o retrato de Jesus provocou a ira de comunidades e grupos cristãos. Para analisar esta recepção, foram selecionados excertos de jornais lançados nos Estados Unidos no período do lançamento.

Antes mesmo de qualquer exibição pública ter sido realizada, a fama de *A Última Tentação de Cristo*, que fora também herdada do romance, já estava correndo pelos Estados Unidos e causando movimentações em meio aos grupos. Em 30 de abril de 1988 o *Desert Sun* noticiou que, “Ativistas religiosos conservadores dizem que irão se opor vigorosamente ao filme da Universal Pictures baseado no livro em que Jesus é retratado como um fraco que deseja uma prostituta em ‘A Última Tentação de Cristo’.” (*Desert Sun*, 1988, p. 10). Em uma coluna destinada aos leitores, chamada de “Voice of the people”, o jornal *The Sun* compilou cinco cartas que continham opiniões mistas, uma delas afirma “Ele retrata Jesus como um homem fraco, instável e carnal. Cenas e citações definitivamente não estão de acordo com as Escrituras inspiradas da Palavra de Deus e trazem desprezo à sua santidade.” (*The Sun*, 1988, p. 13).

Curiosamente, essa edição é do dia 22 de julho, quase um mês antes de seu lançamento. Outras cartas se referiam a um outro artigo do The Sun, se referindo a Bill Bright, falaremos deste mais tarde.

Ainda sobre o artigo do Desert Sun, as primeiras iniciativas para a destruição já eram evidentes, mesmo em abril, quase 04 meses antes do lançamento do filme, enquanto a Universal Studios usava do histórico religioso de Scorsese como defesa “Enquanto isso, a Universal defendeu Scorsese, dizendo que o diretor, que uma vez estudou para o sacerdócio, acreditava profundamente que o filme ‘é uma afirmação de fé’.” (Desert Sun, 1988, p. 10). Em junho, uma notícia sobre um reverendo que supostamente obteve uma versão do roteiro causou revolta sobre a cena de sexo envolvendo Maria Madalena, o The Press Tribune informou “Na semana passada o Rev. Donald Wildmon, um autointitulado vigilante de mídia [...] distribuiu copias de uma versão anterior do roteiro onde Jesus sonha que está fazendo amor com uma mulher.” (1988, p. 2). É curioso que a própria Universal afirmou que o roteiro havia passado por alterações, mas essa cena permanece no filme. Scorsese não deu muitas declarações a jornais, mas disse publicamente ““Este é um filme que eu queria fazer há 15 anos, tanto como cineasta quanto como cristão”, disse ele em declaração. “Estou fazendo um filme profundamente religioso que é uma afirmação de fé e peço a todos que não julguem meu filme até assisti-lo.” (The Desert Sun, 1988, p. 10).

Um denominador comum aparece em quase todos os jornais selecionados para este trabalho, a atuação da *Campus Crusade for Christ (CCC)* e de seu presidente Bill Bright. A *Campus Crusade for Christ* é uma instituição cristã formada na Universidade da Califórnia em Los Angeles, fundada por Bill Bright em 1951, e esteve presente em grande parte das manifestações relacionadas ao longa-metragem. Bright, em 1988, ofereceu a Universal Studios uma quantia de 10 milhões de dólares para aquisição dos negativos originais do filme para que a CCC pudesse destruí-lo. O The Sun incluiu em sua primeira página como a primeira notícia que “Se o preço para prevenir a blasfêmia for de US\$ 10 milhões, o presidente da *Campus Crusade for Christ* Bill Bright disse que a comunidade cristã está disposta a pagar.” (1988, p. 1). A matéria ainda inclui um retrato de Bill Bright e complementa que ““Se eu tivesse esse filme em mãos hoje à noite, eu reuniria os líderes do mundo cristão e faríamos uma grande celebração com uma fogueira. Expurgaríamos este filme amaldiçoado da consciência da América’ disse Bright.” (The Sun, 1988, p. 1).

Todos os artigos levantados publicados antes do lançamento do filme em 12 de agosto, são relativamente parecidos, em que os jornais normalmente replicam a manchete com falas da

Universal e de associações cristãs, assim se mantém para a relevância das matérias, normalmente curtas, alocadas em páginas sem destaque e sem imagens. Com exceção da matéria sobre Bill Bright no jornal *The Sun*, em que além de alocá-lo na primeira manchete e fazer questão do retrato, destinou uma matéria com continuidade ao longo do jornal. Algo que inclusive gerou reclamação dos leitores nas cartas publicadas na edição de 22 de julho, com críticas ao jornal que diziam “Estou indignado com a matéria que vocês alocaram na primeira página sobre o pensamento fantasioso de Bill Bright. Pensei que a era da queima de livros em nome da religião tivesse acabado. Notícias como essa dão má fama à religião, fazendo-a parecer sufocante e repressiva.” (*The Sun*, 1988, p. 13), e também ao posicionamento de Bright “Em resposta à declaração de Bright ‘Estou preocupado que nós, como país, permitimos que um punhado de homens ricos tomem uma decisão que incorrerá na ira de Deus’, Sr. Bright, não atire a primeira pedra.” (*The Sun*, 1988, p. 13). Portanto, é possível perceber que, por mais que a notícia fosse divulgada, os jornais buscavam suprimir seu ponto de vista, veiculando tanto posturas dos grupos conservadores, quanto dos estudiosos. E mesmo quando houve a opção de uma notícia relativamente mais importante, também vimos espaço para críticas e apontamentos.

Porém, após o lançamento, algumas posturas mudaram, alguns jornais passaram a incorporar alguns editoriais, a favor e contra o filme, e, claro, as colunas de críticos de cinema passaram a comentar sobre o que de fato viram no filme. Os cinemas ao redor dos Estados Unidos foram marcados por manifestantes tentando, a todo o custo, convencer as pessoas a não o assistir, porém, segundo o *New York Times*, “Após um mês de protestos e manifestações furiosas de grupos que consideram o filme uma blasfêmia, “*A Última Tentação de Cristo*”, de Martin Scorsese, estreou hoje com longas filas, cinemas lotados e manifestantes dispersos.” (1988). Outro fato que ocorreu na estreia do filme foram vandalismos a salas de cinema que iriam exibir o filme, o *The Salt Lake Tribune* noticiou que uma “Uma cópia do polêmico filme “*A Última Tentação de Cristo*” foi destruída no Centre Theatre e a tela foi cortada, cancelando a primeira exibição na sexta-feira.” (1988, p. 15) mas uma nova cópia foi enviada e a tela foi consertada a tempo de uma nova exibição no dia, o jornal também informa (com imagens) sobre a presença de manifestantes no lado de fora do cinema. Segundo a apuração policial, uma pessoa pode ter aguardado o fim da última sessão do dia anterior para causar os danos, pois havia sinais de arrombamento para saída, mas não para a entrada. “A tela tinha dois “cortes de tamanho razoável” de quase dois metros de comprimento, disse o tenente Mel Shields, da Polícia de Salt Lake City. Ambos os cortes também tinham sido rasgados cerca de um metro e vinte na

horizontal, de modo que a tela "estava se abrindo", disse ele." (The Salt Lake Tribune, 1988, p. 15), curiosamente os cortes foram entrecruzados em forma de uma cruz.



Manifestantes em frente ao *Centre Theater* em Salt Lake (The Salt Lake Tribune, 1988, p. 15).

Outro incidente, talvez o mais conhecido, envolvendo o lançamento de *A Última Tentação de Cristo* foi o incêndio no cinema Saint-Michel em Paris, onde mais de 10 pessoas ficaram feridas durante a exibição do longa. Dia antes o cinema já havia recebido cartas dizendo que atacariam caso o mesmo continuasse a exibir o longa (The Salt Lake Tribune, 1988, p. 4). No dia anterior ao lançamento uma grande manifestação foi realizada em frente à sede da Universal Studios tentando mais uma vez impedir o lançamento do filme, segundo o Santa Cruz Sentinel, “O protesto [...], levou multidões à sede da Universal, distribuidora do filme. A multidão foi estimada em 25.000 pessoas, de acordo com o capitão da polícia de Los Angeles, Glenn Ackerman.” (1988, p. 11). Presente neste protesto estava Bill Bright, que ainda reivindicava a compra do longa por 10 milhões, dentre outras lideranças cristãs.

Todos os incidentes citados foram relacionados a exibição do longa, ou seja, pessoas que podem ter assistido ou não o filme, mas que ainda assim tentaram de diversas formas, de manifestações pacíficas até atentados violentos, impedir exibição do filme. É possível pensar na materialidade do filme, perceba como no caso do cinema de Salt Lake, o atentado ocorre contra o cinema, representado com o corte da tela, mas especialmente ao filme, neste caso, não um atentado contra o conteúdo do filme em si (como podemos interpretar uma crítica negativa por exemplo), mas ao filme como artefato, quase como se, ao destruir o rolo de projeção, os revoltosos estivessem assassinando o Filme. Pensando assim, podemos traçar também um

paralelo com a própria iniciativa da queima das primeiras cópias do filme, sendo uma tentativa de destruir o Filme Original, assim “arrancando o mal pela raiz”, queimando-o antes que este se espalhasse.



A manifestação em frente a Universal Studios. (Santa Cruz Sentinel, 1988, p.1).

Os jornais também cederam seus espaços para a discussão do filme em si, tanto em colunas editoriais, quanto em espaços destinados a críticos de cinema, sendo que neste havia uma discussão mais bem argumentada, centrando-se no que foi realizado no filme, e não no que ele deveria ou não ter mostrado. No jornal *Lariat*, um jornalista chamado Jay Grant publicou um editorial chamado *Christians should resist 'Last Temptation's' guiles* (Os cristãos devem resistir às artimanhas da “Última Tentação”), e escreveu

“Sou cristão e, como a maioria dos cristãos evangélicos e muitos outros que respeitam a Cristo, me oponho ao filme. Mas também sou jornalista e valorizo muito o privilégio da liberdade de expressão. Apoio o direito de Scorsese de fazer o filme e da Universal de distribuí-lo. Ao mesmo tempo, apoio meu direito de expressar angústia e raiva sobre a representação falsa e ridícula de Cristo, que é mostrado como um indivíduo confuso e luxurioso, uma representação que não tem precisão histórica ou bíblica. Para registro, Jesus sabia exatamente quem Ele era e para onde estava indo.” (1988, p.2).

É curioso que nesse momento o filme já havia sido lançado a um mês, e mesmo já tendo conhecimento que o filme em nada se baseou nos evangelhos ou em registros históricos, esse

continua a ser um ponto recorrente nas críticas. Este é mais um sintoma da força das imagens, que, ao existir, esbarram e ferem a narrativa “real” da bíblia.

Outro ponto que se repete é a comparação do retrato de Jesus em *A Última Tentação* com a representação “pejorativa” de minorias ou de figuras históricas, no editorial de Grant ele cita “Acho bastante irônico que os magnatas de Hollywood não ousem ridicularizar negros, judeus ou gays. Insultar esses grupos é proibido, como deveria ser, mas difamar Cristo é de alguma forma considerado vanguarda.”, cabe dizer que este editorial foi solicitado pelo jornal *Lariat*, pois Jay Grant foi seu editor chefe entre 1987-1988. Um outro jornal que contém um comentário de opinião extremamente negativo ao filme é o *El Paisano*, onde Mike Sekulic escreveu

“‘Tentação’ representa um ataque descontrolado ao cristianismo, e a Jesus Cristo em particular, que não teria sido tolerado se tivesse sido direcionado a outro grupo. Mas, de alguma forma, parece aceitável fazer pequenos ataques aos cristãos. Bonito, não? Os cristãos são luz neste mundo escuro e estão constantemente sob ataque daqueles que deslizam pela escuridão.” (1988, p. 2).

Novamente é notável a comparação com ataques a minorias, como se de fato Jesus Cristo fosse representante de uma massa minoritária e oprimida. Esse editorial é relativamente mais agressivo em seus ataques

“Se o diretor inútil Scorsese tivesse feito um filme no qual ele se retratasse como lascivo, isso teria sido uma explosão. Mas ele fez um filme para destruir alguém puro e sagrado. Ele deveria ter sido honesto e dito “Este é o tipo de Jesus que meu coraçãozinho perverso e perverso pode agarrar”, mas ele não o fez. Ele decidiu pegar a perfeição e transformá-la em profano.” (Sekulic, 1988, p. 2).

Porém, o longa não obteve somente ataques, houve espaço em jornais para textos e artigos que ousaram assistir ao filme com imparcialidade aos eventos e julgar a narrativa dentro do proposto pelo filme, uma investigação espiritual. Antony Navarrete do *El Paisano* analisou que “O filme não é um ataque ao cristianismo, na verdade, é a dúvida e a tentação no filme que Scorsese usa para mostrar o quão forte Cristo provou ser no final.” (1988, p. 5) e complementou que

“Uma das partes mais fascinantes do filme é a sequência do sonho. Não pelo amor estilo PG-13 visto, mas pelo que poderia ter acontecido se Cristo não tivesse morrido na cruz. Aqueles que se cegaram para os poucos segundos de paixão nesta sequência, perderam o ponto principal do filme... e muitos perderam.” (1988, p. 5).

Julia Weagent, do *Lariat*, elaborou a seguinte crítica para o filme “‘A Última Tentação de Cristo’ deve fortalecer a fé dos cristãos, pois ele é mostrado na condição humana. O público deve ser capaz de se identificar melhor com o homem do que com Deus.” (1988, p. 7), em

seguida “Embora a cena de sexo com Maria Madalena, retratada por Barbara Hershey, seja bastante gráfica, não parece totalmente irreal. Jesus teve que aceitar sua humanidade antes de poder aceitar seu papel como o Messias.” (1988, p. 7).

#### **4.1 A tentação da imprensa, cultura visual e o retrato de uma dualidade**

Ao percorrer os jornais é possível reconhecer que, por mais que as manifestações tenham sido grandes em número e adesão, é nítido o interesse que as pessoas possuíam de assistir ao filme. Essa dualidade é percebida também na própria imprensa, visto que, ao mesmo momento que existia uma atenção as polêmicas do filme, também existia espaço para que a Universal e o próprio diretor Scorsese se manifestassem. Também é claro a estratégia dos jornais ao notarmos, tanto no caso do Lariat quanto do El Paisano, a alocação de críticas tanto negativas quanto positivas na mesma edição, inclusive com relevância equivalente, pois o tamanho dos textos e dos cards eram parecidos, assim como a adoção de imagens chamativas para os textos.

Michael Baxandall, ao estudar pinturas do renascimento, definiu o “olhar da época”, para ele “[...] alguns dos instrumentos mentais através dos quais o homem organiza a sua experiência visual é variável, e boa parte desses instrumentos depende da cultura, no sentido de que eles são determinados pela sociedade, que exerce sua influência sobre a experiência individual” (Baxandall, 1972 p. 48). Portanto, o contexto social de uma determinada comunidade afeta profundamente a forma que o aparelho visual organiza a visão, assim como é necessário para os estudos da história visual pensar a chamada biografia da imagem, sendo definida como “[...] as condições de produção, circulação, consumo, apropriação, recepção, arquivamento e agenciamento da fotografia.” (Mauad, 2015, p. 45).

A partir do fim da década de setenta os Estados Unidos viram eclodir um novo embrião conservador, que viria a se desenvolver durante a década de 80 com a ascensão de Ronald Reagan a presidência do país. Um dos sintomas neoconservadores deste período se encontra no alinhamento de grupos fundamentalistas religiosos com as políticas de Reagan,

“A mobilização em torno da campanha de Reagan “selou” uma aliança mais próxima entre as tendências mais conservadoras do protestantismo norte-americano – especialmente os fundamentalistas – e o Partido Republicano. Apesar de nunca ter sido um cristão dos mais “fervorosos”, Reagan percebeu a enorme força de mobilização da Direita Cristã desde seu período como governador da Califórnia e procurou fortalecer laços com suas lideranças (LaHaye entre elas) e abraçar publicamente algumas de suas bandeiras, especialmente na área da moralidade.” (Alves & Rocha, 2021, p. 33).

É possível então, traçar um paralelo sobre o olhar da época de um Estados Unidos com o conservadorismo recém renovado e a biografia de A Última Tentação de Cristo, ao analisar



que, mesmo em sua produção, o filme enfrentou percalços para seu nascimento, e suas polêmicas o acompanharam mesmo antes da circulação comercial, piorando após o lançamento.

Porém, também não é pertinente abraçar a ideia do olhar da época como uma resposta absoluta a reação de *A Última Tentação de Cristo*, se o olhar da época fosse hegemônico na população estadunidense, o longa sequer chegaria perto de ser realizado, pois é ingênuo pensar que, Martin Scorsese, sendo cristão, filmou sua tentação acreditando que o filme recebido com somente com rosas e aplausos, mesmo se isso ocorresse, as tentativas frustradas do mesmo de finalizar seu filme com a Paramount teriam servido de exemplo. Além disso, a própria distribuidora Universal Studios recusou inúmeras propostas de não lançar o filme, como comparação o valor oferecido por Bill Bright de 10 milhões de dólares não só era superior aos custos de produção como também era maior do que a bilheteria do filme, que, mesmo em meio as polêmicas, arrecadou 8.5 milhões de dólares nos Estados Unidos<sup>3</sup>. A própria bilheteria e as matérias de jornal que quase sempre atendiam os dois lados da moeda, os cinemas lotados e a própria sobrevivência do filme, e da carreira de seu diretor, mostram que, apesar das polêmicas e das agressividades, os Estados Unidos não formaram uma grande unidade contrária ao filme.

#### **4.2 *Última Tentação*, cultura visual e além**

Pontos críticos de definição do que seria o campo da Cultura Visual são necessários para entender e posicionar o longa de Martin Scorsese dentro de um campo cultural. A primeira coisa que se define é a existência da fonte visual, não somente como um documento arquivístico que contém um retrato cristalino do passado, mas como um objeto histórico de vida própria, “São seres animados desejantes que tomam direções e rumos insuspeitos até para seus criadores.” (Meneguello, 2013, p. 11). Dessa forma se torna impossível controlar as ações que esta imagem pode tomar ou causar, é curioso inclusive que Scorsese declare esse filme como um atestado de “renovação da fé” enquanto a igreja norte-americana o condenasse. Segundo Ana Maria Mauad, “Portanto, as imagens ganham corpo por meio de práticas sociais, em que sujeitos incorporam as imagens tanto como ideia e representação como objetos, marcas corporais e gestos.” (2014, p. 13), podemos definir então que, imagens são seres de vida própria que atingem sua materialidade a partir de seu circuito, e então, portanto, existem.

Christian Metz, teórico do cinema, discute em um pequeno texto sobre a impressão de realidade no cinema, para ele o cinema causava uma maior sensação de realidade que a fotografia e o teatro, devido a materialidade que imagem em movimento trazia,

“Mas esse material tão semelhante ainda não o era suficientemente; faltava-lhe o tempo, faltava-lhe uma transposição aceitável do volume, faltava-lhe a sensação do

---

<sup>3</sup> Dados de “Box Office Mojo” (2025).

movimento, comumente sentida como sinônimo de vida. O cinema trouxe tudo isto de uma vez só, e - suplemento inesperado - não é apenas uma reprodução qualquer, plausível, do movimento, que vimos aparecer, mas o próprio movimento com toda a sua realidade. Enfim, suprema inversão, são imagens, aquelas mesmas da fotografia que foram animadas por um movimento tão real, que lhes conferiu um poder de convicção inédito, mas do qual só o imaginário se beneficiou, já que, apesar de tudo, tratava-se de imagens.” (Metz, 1972, p. 28).

Sendo assim, *A Última Tentação* não se trata somente de uma representação de Jesus Cristo de uma forma humana e frágil, mas sim, e uma própria realidade onde ele assim é. Acrescentado a isso a materialidade visual de um filme que existe na história, essa realidade portanto existiria para sempre, podemos dizer que as sucessivas tentativas de “assassinar o filme” não tinham como única finalidade a não exposição deste, mas sim a destruição de uma realidade onde Jesus Cristo não existe da forma que os cristãos desejavam e acreditavam que ele fosse.

A existência de um longa retratando Jesus Cristo dessa forma age quase como a existência de uma pintura infame “[...] pinturas difamatórias que tinham a intenção de prejudicar a memória daqueles que agiram ou foram de encontro à ordem política existente.” (Tatsch, 2016, p. 71). Porém, a memória afetada aqui não é a de um criminoso ou algo parecido, mas sim do profeta religioso mais cultuado da história ocidental, por isso o desespero dos fundamentalistas para destruir qualquer vestígio de existência dessa imagem. Esforço falho que mostra a força de resistência de artefatos cultural que, como dito, dotado de uma materialidade e vida, lutou para ser visto e prosseguir.

Finalizando, pensar na cultura visual é entender como “As imagens visuais, como documentos/monumentos, permitem-nos conhecer, por ângulos pouco habituais, a urdidura das relações sociais.” (Mauad, 2016, p. 38). Dessa forma, *A Última Tentação* é sim um monumento forte suficiente para compreender as nuances de uma sociedade estadunidense marcada por uma associação entre um neoconservadorismo ascendente e um fundamentalismo religioso altamente influente, porém não dotado de força para consolidar uma unidade capaz de impedir a revelação deste filme.

## **5. “Todos os que fazem imagens nada são”, sobre o ensino e imagens (não) canônicas**

Elias Thomé Saliba em seu texto *As imagens canônicas e a História* evidenciam o papel do professor em lidar com estes símbolos canônicos, “Vivemos hoje uma intoxicação pelas imagens e o papel do professor, particularmente ao ensinar história, é operar, em primeiro lugar, um ordenamento temporal de tais imagens.” (Saliba, 2007, p. 90), isto é, “[...] quando falo em ordenamento no tempo, estou supondo uma operação crítica, exercícios de aproximação,

identificação e distanciamento das imagens e dos seus significados.” (Saliba, 2007, p. 90). Essa operação para o ensino de história é fundamental pois, muitas das vezes, um livro didático é o primeiro contato que um aluno terá com a leitura, e estes livros são em sua maioria infestados de imagens repetidas à exaustão. Como relata Abreu,

“Numa busca no Google Images, com as entradas “Descobri mento do Brasil” e “Independência do Brasil”, os resultados não são surpreendentes. Na primeira pesquisa, encontramos reproduzida três vezes a tela Desembarque de Cabral em Porto Seguro de Oscar Pereira da Silva e uma vez a Primeira Missa de Vitor Meireles.” (2016, p. 259).

Parte do tratamento que deve ser dado as imagens canônicas também se dá por meio do emprego de imagens não-canônicas, o próprio autor do texto se refere a um evento em que na sala de aula este usou, curiosamente, a imagem de Cristo bizantino, “Uma vez, há muitos anos, projetei um slide, com a figura do Cristo bizantino, sem barba, numa sala de 7ª série — o que provocou um certo alvoroço... achei que foi um alvoroço passageiro, resultado de uma imagem rara.” (Saliba, 2007, p. 88). Retomemos, portanto, a definição de Meneguello, “Na cultura visual, está presente todo o impacto das outras imagens pré-existentes que, culturalmente ativas, agem em nós” (2013, p. 11), sendo assim, é inegável a nossa afetação por imagens, seja esta afetação operada por um reforço de imagens recorrentes, ou, principalmente, pela desconstrução dessas imagens.

A operação de desconstrução de ícones canônicos é altamente reativa, pois, assim como a reação de *A Última Tentação de Cristo*, altera nossa visão de mundo e mexe com profundas estruturas sociais herdadas por gerações. Porém, tão importante quanto pensar no processo de desconstrução, primeiro pensamos no processo de construção, que muitas das vezes é realizado como forma de manutenção de uma elite ou cultura hegemônica. Um exemplo disso é o quadro *Independência ou Morte* de Pedro Américo, que foi finalizado no mesmo que o império viria a cair. Dessa forma, pensar em imagens não-canônicas não passa somente pelo choque causado pela contra visualidade, mas também por uma desmistificação de uma história hegemônica, fornecendo meios de se fazer um ensino de história visto de baixo, rompendo com a tradição eurocêntrica colonial.

Pensando mais a fundo, o uso de imagens não-canônicas pode despertar um potencial de debate grande, inspirando não somente a reflexão sobre o quanto somos influenciados com imagens, mas também ao contextualizar que, independentemente se canônica ou não, aquela imagem foi produzida. Essa colocação da imagem como algo produzido retira o caráter de uma história que está posta, pois se mesmo os ícones que permeiam os estudos desde a tenra infância são feitos por homens, e não uma manifestação imaculada, esta desconstrução pode, e deve, ser

feita por homens também. E esta operação deve ser sempre mediada pelo professor, mas igualmente sempre protagonizada pelos alunos, que devem ser os agentes deste debate para uma construção plural do saber histórico.

Por fim, existem cuidados a serem tomados, “Mas, sem esquecer que as inúmeras paródias revelam a força e a aceitação da imagem canônica original — já que a própria compreensão da paródia supõe o conhecimento geral da imagem parodiada.” (2007, p. 89). Dessa forma, pensar em um ensino de história mediado por imagens deve passar pelas duas operações, a de construção de um cânone, ou seja, compreender como esta imagem se estabeleceu como símbolo icônico, e a desconstrução deste, especialmente pelas imagens não-canônicas, que em sua existência, simbolizam atos de resistência a cultura hegemônica e dominante.

## 6. Considerações Finais

Todo filme quer ser visto, o ato de se escolher filmar já pressupõe o posterior ato de se exibir o milagre capturado, pode-se existir inúmeras variantes contrárias a exibição de um filme, porém é inegável que, uma vez materializado, o filme precisa ser visto para existir. Portanto, *A Última Tentação de Cristo*, é um filme que existe, e que ao longo de sua trajetória foi brutalmente tentado a não existir, seja por engavetamentos e pressões externas, seja por ataques diretos a sua materialidade física. E assim, existindo, mesmo com suas imagens profanas e blasfemas, integra parte da iconosfera dos filmes cristãos, não tão reconhecido como seu irmão mais novo *Paixão de Cristo* e talvez Willem Dafoe não deve ter tido seu rosto tatuado como Jesus Cristo da mesma forma que Robert Powell, porém, sem dúvidas, *A Última Tentação* consolidou seu nome como o possível mais controverso filme pseudobíblico já realizado.

Ao esmiuçar as cenas e imagens do longa foi possível perceber na construção do filme que, por mais que houvesse um profundo respeito e amor pela figura retratada, é inegável que Scorsese tomou decisões criativas que levaria pelo menos algumas dezenas de milhares de cristãos ao delírio. Assim, a análise da biografia de *A Última Tentação* permitiu perceber também aspectos dicotômicos dos Estados Unidos quanto a sua unidade neoconservadora da década de 80, assim como a postura da mídia e de grupos fundamentalistas e como havia sim uma dualidade narrativa que permitiu que o filme fosse produzido e lançado. Polêmico de suas gênesis até o seu apocalipse, *A Última Tentação* é um exemplo notável de objeto da história visual, e muito surpreende a ausência de trabalhos que colocam suas imagens em xeque, talvez,



mesmo tendo sido lançado e percorrido sua trajetória comercial com um saldo positivo, os ataques a sua integridade tenham sido cruéis com a sua memória, visto que o longa não é comumente reconhecido como um dos grandes filmes de Scorsese.

É curioso reconhecer como as manifestações contrárias ao filme e suas imagens não-canônicas, comumente empregavam ícones canônicos como contrapartida, sejam placas estampadas com versículos bíblicos, ou mesmo atos simbólicos, como cortar uma tela de cinema em formas de cruz. Esses atos só reforçam a relevância de se pensar criticamente nas imagens canônicas, e como estas são comumente usadas como objetos de opressão e controle, e a importância de se lidar com cuidado com estas, pois, elas existem e vão ser vistas. Por fim, é papel do historiador treinar o olhar da época de seu interlocutor, para que este possa estar aberto e contrapor o olhar hegemônico, pensando assim na história visual e no cinema como ferramentas seminais para a compreensão e para o ensino de história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marcelo. Imagens consagradas: impressos, circulação e consu.mo da pintura histórica oitocentista. In: **CULTURA VISUAL & HISTÓRIA**, Iara Lis Franco Schiavinatto e Eduardo Augusto Costa (orgs.). São Paulo: Alameda, 2016.

ALVES, Alexandre Guilherme da Cruz; ROCHA, Daniel. A DIREITA CRISTÃ NOS ESTADOS UNIDOS: USOS DO PASSADO E PROJETOS POLÍTICOS (1980). **Rev. hist.** (São Paulo), n.180, a01820, 2021

BAXANDALL, Michael. O olhar remanescente: **Pintura e experiência social na Itália da renascença**. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1972.

CHIPLE, Edgardo Garcia; PRAZERES, Paulo Joviniano Alvares dos. O CASO “A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO” (OLMEDO BUSTOS E OUTROS) VS. CHILE: UMA ANÁLISE SOBRE DIREITOS HUMANOS E DEMOCRACIA. **Revista Paradigma**, XXIV, v. 28, n. 2. Ribeirão Preto, 2019.

FIELD, Syd. Manual do Roteiro. OBJETIVA, Rio de Janeiro. 1982.

JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes Santiago. A virada e a imagem: história teórica do pictorial/iconic/visual turn e suas implicações para as humanidades. **ANais DO MUSEU PAULISTA** São Paulo, Nova Série, vol. 27, 2019, p. 1-51. e08.

JUNIOR, Jayme Benvenuto Lima. A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO: APONTAMENTOS HISTORICAMENTE SITUADOS. **BJIR**, v. 11, n. 2. Marília, 2022.

LINDLOF, Thomas R. Hollywood Under Siege Martin Scorsese, the Religious Right, and the Culture Wars. The University Press of Kentucky 2008.

MAUAD, Ana Maria. COMO NASCEM AS IMAGENS? UM ESTUDO DE HISTÓRIA

VISUAL. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 61, p. 105-132, jul./dez. 2014.

MAUAD, Ana Maria. Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas. In: **REVISTA MARACANAN** vol. 12, n.14, p. 33-48, jan/jun 2016.

MENEGUELLO, Cristina. Cultura Visual: um campo estabelecido. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, ano 8, n.º 2, dezembro de 2013.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11-36 - 2003

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **RUMO A UMA "HISTÓRIA VISUAL"**. São Paulo, 2005.

METZ, Christian. **A Significação no Cinema. Perspectiva**, São Paulo, 1972.

SALIBA, Elias Thomé. As imagens canônicas e a história. **História e cinema: duas dimensões históricas do audiovisual**. Tradução. São Paulo: Alameda, 2007

SCORSESE, Martin. Scorsese on Scorsese. Edited by David Thompson and Ian Christie. Faber and Faber Limited, 1989.

TATSCH, Flávia Galli. **Pitture infamante: imagens difamatórias em espaços públicos, séculos XIV-XV**. In: **CULTURA VISUAL & HISTÓRIA**, Iara Lis Franco Schiavinatto e Eduardo Augusto Costa (orgs.). São Paulo: Alameda, 2016.

## FONTES

## IMPRENSA

The Desert Sun, 30 de abril de 1988, página 10.



**Scorsese movie sparks Christian controversy**

UNIVERSAL CITY, Calif. (AP) — Conservative religious activists say they will vigorously oppose a Universal Pictures movie based on a book in which Jesus is portrayed as a wimp who lusts after a prostitute in "The Last Temptation of Christ."

The film, billed as a look at the human side of Christ, was shot in Morocco last fall. It stars Willem Dafoe as Jesus, Barbara Hershey as Mary Magdalene and Harvey Keitel as Judas Iscariot.

Scheduled for release in September, the movie is based on Greek author Nikos Kazantzakis' 1955 book, which was condemned as heretical by the Greek Orthodox Church.

In a section of the book that troubles conservative religious leaders, Satan tempts Jesus with lust for Mary, the Biblical prostitute. In another, Jesus apparently ponders homosexuality.

"I don't see how a producer can stay true to the book and not come out with a movie that is offensive to the Christian community. The book is shot through with contradictions of the scriptures," said the Rev. Don Wildmon, head of the American Family Association in Tupelo, Miss., which monitors television shows and films that affect the family.

"We're trying to head the movie off at the pass so it's not blasphemous," said Ted Baehr, editor of an Atlanta-based Christian newsletter that monitors theatrical films.

Only Martin Scorsese, who is editing the film in New York, knows what's in the final version, and, "He doesn't talk to any press at all when he's editing, on any movie," said spokeswoman Marion Billings.

"I have seen some footage. Willem Dafoe as Christ will make your hair stand on end. Certainly, not a wimp," said Ms. Billings.

Scorsese, who directed "Taxi Driver" and "Raging Bull," studied for the priesthood before becoming a filmmaker.

"This is a film that I've wanted to make for 15 years, both as a filmmaker and Christian," he said in a statement. "I'm making a deeply religious film which is an affirmation of faith and I ask everyone not to judge my film until they see it."

Universal Pictures has hired a born-again Christian marketing consultant, Tim Penland, who advised on the films "Chariots of Fire" and "The Mission," to help ward off controversy.

"I think there's an awful lot of interest in this movie in the Christian community, and there's paranoia about what it contains," Penland said Thursday.

But Wildmon warned that a sacrilegious film would galvanize 150 million Christians in America into a protest against Universal and its parent company, MCA.

"MCA has businesses that Christians do business with, such as Universal Studios," Wildmon said. "We will do everything possible to knock the financial props out from under Universal. We will be prepared to fight it with everything we've got. And it would be an easy battle to win."

The Rev. John Probst, a Baptist minister whose Media Focus group offers Bible study classes at studios and networks, has objected to the portrayal of Jesus as "a wimpy, almost milquetoast" character. He has asked Christians to write Tom Pollock, chairman of the MCA motion picture group, with their concerns.

"The attempt of this movie is not to be prurient about Jesus," Pollock said. "This is one of our great filmmakers, and to cast the film as sacrilegious before anyone has seen it is unfair."

## Christians should resist 'Last Temptation's' guiles

The nature of the Christian protest leveled against Martin Scorsese's film, "The Last Temptation of Christ,"

**Jay Grant**

has been largely misunderstood by most people. Many believe that protesting Christians are advocating censorship and the curtailing of First Amendment rights, i.e., the right of Scorsese to freely express his views. This perception is wrong.

I am a Christian and like most evangelical Christians, and many others who respect Christ, I object to the film. But I am also a journalist and highly value the privilege of free speech. I support the right of Scorsese to make the movie and Universal to distribute it.

At the same time I support my right to express anguish and anger over the false and ludicrous depiction of Christ, who is shown as a confused and lustful individual, a portrayal which has no historical or biblical accuracy. For the record, Jesus knew exactly who He was and where He was headed.

Why are my feelings so strong and what causes this emotional response to the film? The reason is simple. I deeply care about Christ. In fact, I unashamedly can say, I love Him very much. I believe in the Incarnation, that Jesus was both man and God and

thus adhere to the Biblical injunction which calls me to "love the Lord my God with all my heart, soul, mind and spirit." Moses was told this on Mt. Sinai and Jesus repeated it in the New Testament.

The ability to love Christ springs from my heartfelt gratitude that God has forgiven my wrongdoings the moment I placed my faith in Christ and what He accomplished upon the cross—payment for mankind's sins. There is, indeed, no greater joy than to be free from guilt and experience peace of mind.

"Last Temptation" hurts because it makes a mockery of someone I value very much. I would react likewise should a film defame my mother, father, wife or children. Anybody worth their salt would do the same. Loyalty demands protest.

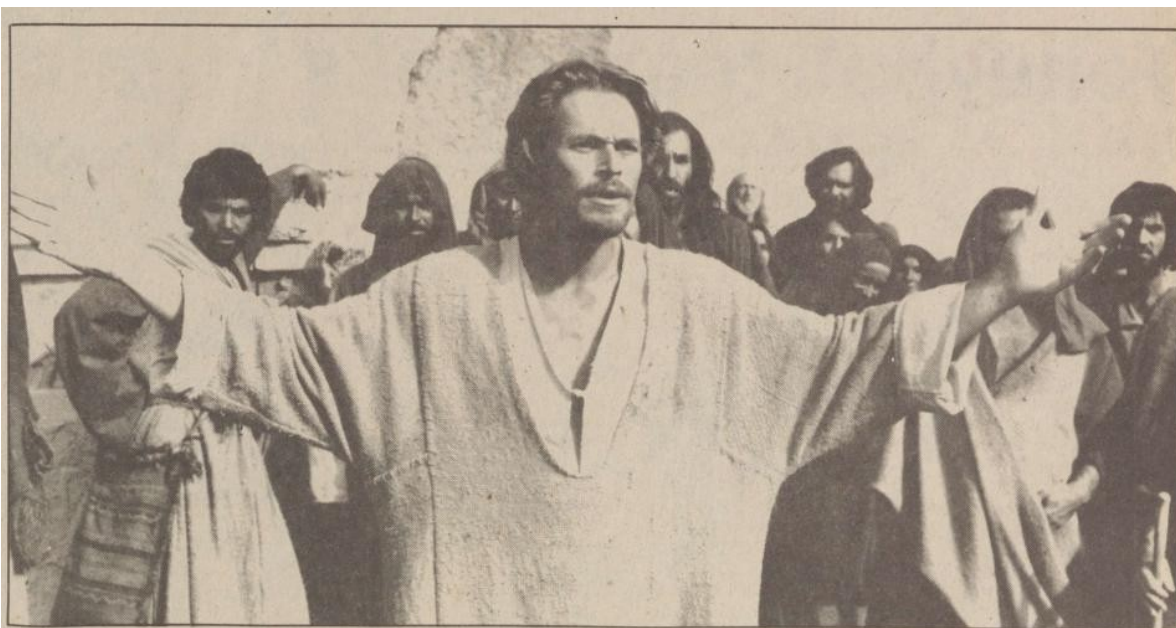
I do find it rather ironic that the moguls of Hollywood would not dare deride blacks, Jews or gays. Slurring these groups is forbidden, as well it should be (remember Al Campanis and Jimmy the Greek), but defaming Christ is somehow considered avant-garde. Just ask Warren Beatty, Sidney Pollack or Jack Valenti.

This attitude is the ultimate in hypocrisy. The prejudice is to be expected, however, from the Babylon of Hollywood and Vine, for irreverence has flourished in its studios for many years.

Scorsese's cinematic attack against Christ does not surprise me one bit. His film is just another in a long line of movies that capitalizes on the titillation of sex, violence, drugs and shock in order to bring in the "god" of this generation—the almighty dollar. Placing Jesus in bed with Mary Magdalene will no doubt prove profitable for both the director and studio.

*The editorial board solicited this article from Grant, who was the 1987-88 Lariat editor in chief.*





Willem Dafoe plays Jesus in Martin Scorsese's powerful and controversial film "The Last Temptation of Christ."

## Representation of Christ explosive

By Julia Weagant,  
Opinion Editor

Christ has been an object of inspiration for writers and painters throughout history.

### Movie Review

But has Jesus ever been depicted in a sexual situation? Is this blasphemy or creativity?

In Martin Scorsese's film, "The Last Temptation of Christ," Jesus, portrayed by Willem Dafoe, was a man first—a man who was wrestling with his human desires while trying to come to terms with his divinity.

While the filming, cinematography and acting were

superb, the film had many indefinable contradictions which only added to the impact of the stunning representation of Christ.

He was not portrayed as being afraid of his responsibility as he fought against his destiny. Once acceptance was realized, he fought against the temptations of the flesh.

Christ is alternately arrogant and humble, which demonstrates a unique dimension to his character. In this film, Jesus was not perfect; he denied and questioned his destiny before the fulfillment of his fate on the cross.

The controversy of this movie seems to be almost completely unfounded. The moviegoer must watch it

without prejudice and try to understand the powerful struggle Jesus is fighting even though he is the Messiah.

"The Last Temptation of Christ" should strengthen Christians' faith for he is shown in the human condition. The audience should be able to identify better with a man than with a god.

Even without a religious background or understanding, this movie was so well done and masterfully portrayed that a feeling of awe is left as the credits are given. Jesus resisted the temptation for power, lust, family and acceptance, and gave his life to pay for the sins of his people.

While on the cross, Christ has a dream visualizing what his life would have been if he

was not the Messiah. This is not blasphemy, this is Scorsese's way of describing Jesus as a man who rose to divine dimensions.

Though the sex scene with Mary Magdalene, portrayed by Barbara Hershey, is quite graphic, it does not seem entirely unrealistic. Jesus had to come to terms with his humanness before he could accept his role as the Messiah.

"The Last Temptation of Christ" is just another interpretation of a moment in history. The battle of the spirit and the flesh is the main issue and Christ had to fight that battle in his soul so that he could identify with the plight of man and man could identify with his great sacrifice.

New York Times, 13 de agosto de 1988. (Acesso a versão impressa do jornal não disponibilizado).

Link: <https://www.nytimes.com/1988/08/13/movies/the-last-temptation-of-christ-opens-to-protests-but-good-sales.html?searchResultPosition=1>



# What Temptation?

BY MIKE SEKULIC

"The Last Temptation of Christ" is a flagrant reminder of just how "tolerant, enlightened," and "liberal" Americans can be.

Yes, that's right, Americans are a wondrous lot of indulgent and tolerant creatures... except of course when it comes to Christians. Christians, it seems, are fair game for mockery and disrespect.

'Temptation' represents a deranged attack on Christianity, and Jesus Christ in particular, which would not have been tolerated had it been directed at another group. But it somehow seems acceptable to do a little "Christian-bashing." Cute, huh?

Christians are a light in this dark world and are constantly under attack from those who slither through darkness. The wicked cannot tolerate goodness at any cost.

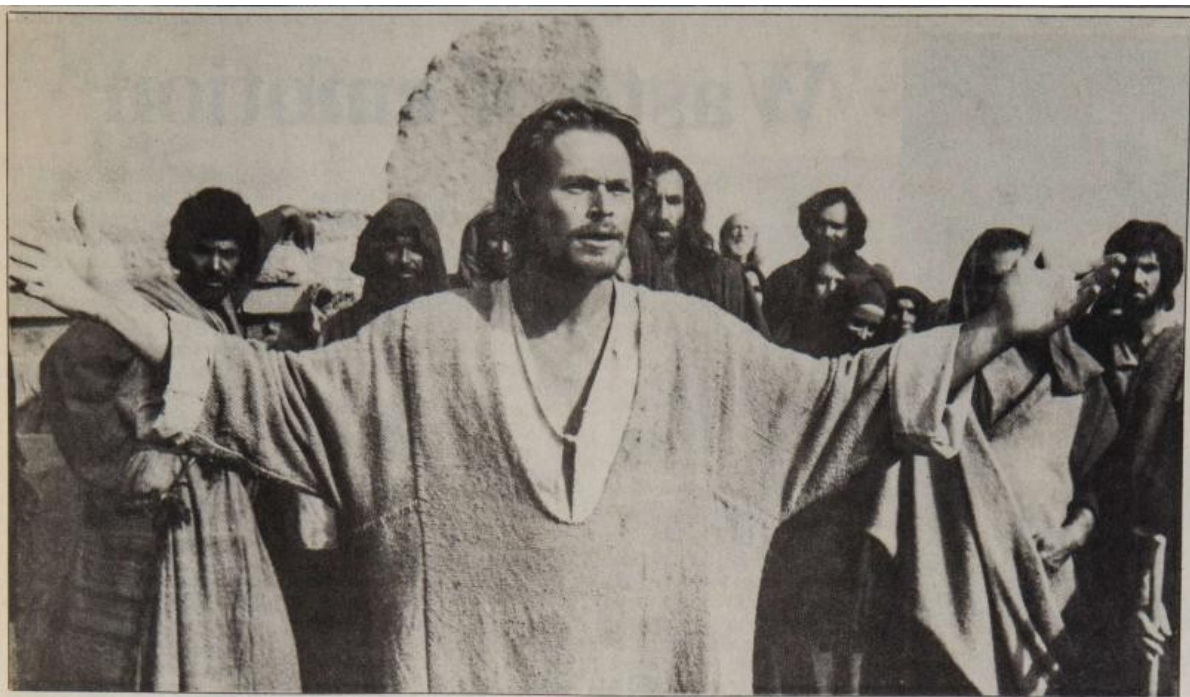
Some people are so thoroughly perverted they cannot believe in anything which is pure and good--such are the creators of

How would people feel if films were made in which George Washington was portrayed as a drag-queen? Or if Abraham Lincoln was a pedophile? Or if Florence Nightingale was a diesel-dike? It certainly isn't a pretty picture is it? Most people of good conscience would not sit back and allow for such character assassinations. Why does the public sit back and allow for this attack on Jesus Christ?

What is this "temptation" stuff anyway? Look at it--Jesus is up on the cross, he knows his time is at hand, the prophecy is about to be fulfilled, and he will soon ascend into heaven. So what sort of temptation could it be to live on this earth, in a lustful condition, with Mary Magdalene? A person has to be ill to believe that it was any sort of temptation. Given my druthers I know what I'd choose--heaven.

The notion that Christ would have lusted after someone is absolutely twisted. Most men, if given the opportunity, would have





Willem Dafoe as Jesus spreads his word throughout the land in this summer's controversial

movie released by MCA/Universal "The Last Temptation of Christ."

## More than a controversy

BY ANTHONY NAVARRETE  
Staff Writer

Every year approximately 250 films are released in the US, some good, most bad, but few provoke much more thought than a "Friday the 13th." film festival. But no film in recent memory (if ever) has caused the controversy or called to arms such a large and fervent group of people as Martin Scorsese's film "The Last Temptation Of Christ."

Although this movie does have some problems, for the most part, it is an enjoyable and powerful experience. The movie is not an attack on Christianity, in fact, it is the doubt and temptation in the film that Scorsese uses to show how strong Christ proved to be in the end.

Willem Dafoe gives an excellent performance as Jesus Christ, echoing the similarly sacrificed character he played in "Platoon." His acting was understated and slightly erratic, but this lent itself well to his

character. This is because until the very end, Christ is constantly in doubt, and sometimes in fear of his destiny. In fact, it is when Christ is allowed to choose another destiny in the film which causes a lot of the public outcry. That, in addition to a single, dream-sequence love scene between Christ and Mary Magdalene.

Played by Barbara Hershey, Magdalene's character was not as well developed as it could be. In several instances, unless one had a fairly good knowledge of the Bible, a lot of Magdalene's actions would be confusing.

This is a fate shared by most of the supporting cast, the lack of adequate character development. This can make the story a little hard to follow at times.

Another sore spot in this film was Harvey Keitel's performance as Judas Iscariot. True, his scenes with Dafoe were good, but it was too hard to ignore the fact that Judas sounds more like a New York cab driver than an apostle.

This film seems to be one of extremes. Some of the special effects are quite good, but then there are scenes where it takes on the technical advancement of a B-movie. In two scenes, one where evil is to show itself to Christ in the form of a flame, and one where it appears as a lion, the flame looks like it is coming from a renegade gas stove, and the lion looks like it had been tranquilized after escaping from a petting zoo.

Yet all of these factors still do not overshadow the fact that this is a film worth seeing. It has incredible cinematography, and Peter Gabriel has produced a hypnotic score for the film. Although the film is nearly three hours long, it never drags. The pace is not fast, but the action is consistent.

One of the biggest misconceptions of this movie is the notion that Scorsese is saying "this is the way it was!" which is simply not true. Scorsese is not claiming knowledge to some lost books

of the bible for the screenplay of this movie. Before the film even starts, there is the disclaimer which states that this film is, in fact, a work of fiction.

One of the most riveting parts of the movie is the dream sequence. Not for the PG-13 style love seen, but for what could have happened if Christ had not died on the cross. Those who have blinded themselves to the few seconds of passion in this sequence, have missed the whole point of the picture... and many have.

## Nobody

BY MIKE ŠEKULIC  
Editor

"Nobody does it better/ Makes me feel sad for the rest/ Nobody does it half as good as you/ Baby you're the best." In the world of popular music those

**MOVIE FIGHT:** The opposition is already growing against Martin Scorsese's unreleased movie "The Last Temptation of Christ," starring William Dafoe. "We'd like to make this the last temptation of Universal to make a film that is going to defame the name of Jesus Christ," said Don Beehler, spokesman for the Campus Crusade for Christ, which is based in San Bernardino and is urging people to call or write Universal studios in protest. Last week the Rev. Donald Wildmon, a self-appointed media watchdog who recently said a Mighty Mouse cartoon showed the hero snorting cocaine, circulated copies of an early script in which Jesus dreams he is making love to a woman. Universal Pictures said it wrote Wildmon to say that Scorsese "believes these scripts differ from the film in a great many key and important ways" and that the motion picture "will serve as a reaffirmation of faith to members of the Christian community." The film is to be shown to church leaders in a private pre-release screening.

## 'Last Temptation' Is Destroyed; Screen Is Slashed

### But the Show Still Goes On Amid Searches at the Centre

By Paula Huff  
And Chris Jorgensen  
Tribune Staff Writers

A copy of the controversial film "The Last Temptation of Christ" was destroyed at the Centre Theatre and the screen was slashed, canceling the first screening Friday.

Meanwhile, about 20 pickets carrying signs with slogans like "This movie costs money. The real Jesus is free" and "Jesus was without sin" showed up at the theater to protest the film.

The missing film was found about 5:30 p.m. destroyed in the basement of the theater, said an unidentified Salt Lake City policeman. The film was worth an estimated \$2,000.

Screening of the film resumed at 5 p.m. under intense security after a new print of the movie was sent and the screen repaired. Security guards checked the purses and packages of those standing in line for tickets before they entered the theater.

"An attempt was made to stop the film from appearing in Salt Lake City. It was unsuccessful," said Linda Friendly, executive vice president, marketing and communications for the Cineplex Odeon Corp., owners of the Centre Theatre.

The film, directed by Martin Scorsese, has been criticized by religious groups for depicting Jesus Christ as being vulnerable to human weaknesses and sexual fantasies.

It was reported missing from the projection booth about 11 a.m. when a theater employee was preparing for the film's first screening at 1 p.m.

The screen had two "fairly good-sized slashes" six feet long, said Salt Lake City Police Lt. Mel Shields. Both slashes had also been ripped about four feet horizontally so that the screen "was flapping open," he said.

The suspect left no note or demand or any indication why the film

was stolen and destroyed. Lt. Shields said.

Three doors inside the theater were taken from their hinges and there is evidence the burglar forced a rear door open to exit, said a Salt Lake City policeman who refused to be identified.

Police are investigating the possibility someone went to a movie at the theater Thursday night and hid until all the employees had left, the policeman said.

Most pickets Friday were individuals, although a group of people from the Southeast Baptist Church and New Life Christian Center were on hand.

Protester Wayne Knecht — who carried a sign that said "Stand up and be counted. A Christian would not see this movie" — said the film perverts everything historically portrayed about Jesus Christ.

"They take Jesus Christ and make you believe his language and thoughts are such that you don't even want him to be your next door neighbor," said Mr. Knecht, who had not seen the film or read the book.

"I think it is an attempt to destroy the credibility of Christ."

Picket Gary Misener said he disapproved of the movie because it "lies" about Jesus Christ's life. "No one would ever make a movie that would distort the truth about Gandhi or Muhammad. I'm really appalled."

However, other Salt Lake residents had a different viewpoint. Two couples who had purchased tickets to the movie stood nearby wearing fake noses and glasses to "show the protesters how silly all this is."

Volat Michel, a tourist from France, stood in the center of the protesters with a perplexed look on his face. He viewed the film in his country.

I don't understand why they are See B-2, Column 3



Pickets march in front of the Centre Theatre Friday in protest of the screening of

"The Last Temptation of Christ." The film has been criticized by religious groups.

## Film furor



Angry fundamentalist Christians picket Thursday at Universal Studios in protest of "The Last Temptation of Christ," starring Willem Dafoe. For details, see Page A11.



The Associated Press

# Thousands protest Christ film on opening eve

The Associated Press

UNIVERSAL CITY — Thousands of demonstrators lugged crosses and picket signs to the gates of Universal Studios Thursday to protest "The Last Temptation of Christ," causing huge traffic jams on the eve of the film's release.

The well-organized protest, coordinated by the American Family Association, Trinity Broadcast Network and other conservative Christians, brought the multitudes to the headquarters of Universal, the distributor of the film.

The crowd was estimated at 25,000, according to Los Angeles police Capt. Glenn Ackerman, who said, "It was kind of like the Dodgers had let out at the stadium and they all were coming down Lankershim Boulevard."

Joyce Walker, 34, of Los Angeles said she came at the direction of the PTL Television ministry.

"I may go see the movie," Ms. Walker said. "I'm still curious, but I don't like the sex scenes with Jesus." The event was the latest in an escalating outcry over the movie, directed by Martin Scorsese, which is scheduled to open today in eight cities in the United States and Canada.

The fundamentalists' fury has focused on Scorsese's portrayal of Jesus as an uncertain, ambivalent savior. In a hallucinatory dream sequence while dying on the cross, Scorsese's Christ imagines abandoning his divinity to live as an ordinary mortal, and fantasizes about sex with Mary Magdalene.

"A lot of impressionable people who would see this... will receive a totally skewed, biased, and blatantly false portrayal of the person who is nearest and dearest to our hearts — our savior Jesus Christ," said the Rev. Paul Crouch, president of Trinity Broadcasting.

Conservative Reps. William E. Dannemeyer, R-

## Theater chain resists 'Temptation'

BUFFALO, N.Y. (AP) — One of the country's largest movie chains has decided not to show director Martin Scorsese's controversial film "The Last Temptation of Christ."

Janine Dusossett, director of corporate communications for General Cinema Theaters, said the company passed on the movie after executives screened the film this week.

"We have made a determination not to show the film in any of our theaters nationwide," she said. The company would not explain the reasons behind its decision, she said.

The Chestnut Hill, Mass.-based

company is the fourth-largest movie chain in the country with 1,338 screens in 318 locations.

Dusossett said the action was "unusual. It has not come up that often."

The film presents a controversial depiction of Christ as someone who is tempted to resist his divinity up until the point of his death on the cross.

In a scene that has particularly unsettled many religious groups, Jesus and Mary Magdalene make love during a dream in which he hallucinates about living an ordinary human life.

The film this week was given a "morally offensive" rating by the

U.S. Catholic Conference, which urged the nation's 53 million Catholics to avoid seeing it.

Dusossett said her company screens all movies in advance and decides whether or not to run them.

"We do look at these things carefully based on our demographics of the market area and based on what our patrons want to see," she said.

Scorsese's film adaptation of Nikos Kazantzakis' novel has engendered strong religious protests, newspaper headlines, and a Time magazine cover.

Calif., Robert K. Dornan, R-Calif., and Clyde Holloway, R-La., added their denunciations late Wednesday in Congress, calling the movie "scurrilous" and "blasphemous."

The studio, after weeks of strident attacks by fundamentalists, arranged special previews for invited clergy of various denominations Thursday here and in New York, Chicago and Washington.

Busloads of Christians snaked into the Universal Studios parking lot, creating mile-long traffic tie-ups on the nearby Hollywood (101) Freeway and on roads

around the headquarters of MCA Inc., Universal's parent corporation.

The crowd varied in appearance from those dressed in their Sunday best to the tattooed, leather-clad "Christ Sons" motorcycle club.

A member of the club, who identified himself only as Nixon, said, "We were brought here by Jesus Christ. What's in the movie isn't in the Bible and if it isn't in the Bible it shouldn't be on the screen."

Many demonstrators carried wooden crosses. Others, with children in tow, carried hand-printed signs reading "Boycott Blasphemy" and "The

Greatest Story Ever Distorted."

Four television news helicopters chattered overhead, adding to the drama for thousands of tourists drawn to the studio tour, who appeared somewhat puzzled by the commotion.

One tourist was overheard remarking, "These Californians are really bizarre."

Among the participants in the noon demonstration were the Rev. Donald Wildmon, executive director of the American Family Association of Tupelo, Miss., and Bill Bright, president of the Campus Crusade for Christ in Arrowhead Springs.

Both have emerged as prominent critics of the film, which is based not on the gospels, but on the 1955 novel by Nobel Prize-winning Greek author Nikos Kazantzakis.

Bright has offered to raise \$10 million to buy and burn the film, and Wildmon has urged a nationwide boycott of MCA.

The boycott coincided with a gesture made during the demonstration by Steve Gooden, an MCA recording artist who stepped up to the podium to destroy his contract with the entertainment conglomerate.

Gooden said his protest was not an attack against Universal or director Scorsese, but "against Satan, who perpetrated this through the instrument of this company."

Gooden then ripped his contract apart, saying, "I tear this contract in the name of my lord, Jesus Christ."

While it has been difficult to assess the economic impact of the MCA boycott, several theater chains have decided against showing the film, including the huge General Cinema Theaters based in Buffalo, N.Y.

"The Last Temptation of Christ" is scheduled to open to the public today in Los Angeles, Chicago, Washington, San Francisco, Seattle, Minneapolis, New York and Toronto.

## Campus crusader offers to buy movie to burn it

By STEVE COOPER  
Sun Religion Writer

If the price of preventing blasphemy is \$10 million, Campus Crusade for Christ President Bill Bright said the Christian community is willing to pay it.

In a letter hand-delivered Friday to a motion picture executive, Bright offered to buy all existing prints of the movie, "The Last Temptation of Christ." He would destroy those films promptly, he said.

The movie has been con-

demned as a blasphemous attack on Jesus Christ by a broad range of religious leaders.

Bright made his offer to Lew Wasserman, chairman of the MCA media conglomerate. MCA owns Universal Pictures, the studio backing director Martin Scorsese's "Temptation."

"If I had that film in my hand tonight, I would call together the leaders of the Christian world and we would have a big bonfire celebration. We would expunge this cursed film from the conscience of America," said Bright,

See BRIGHT/Back page



Bill Bright  
Willing to pay \$10 million



# Bright: Would buy movie, burn it

Continued from/A1

speaking late Monday from Dallas.

Bright asked for an answer by today. He did not hear from Wasserman on Monday.

If Wasserman accepts the deal, Bright will establish a fund and solicit contributions. None of the money would come from Campus Crusade funds, he said.

The film cost \$10 million to produce, according to press reports.

"Everywhere I've gone Christian people have offered to help with this. I can't guarantee I'd come up with that kind of money overnight. But it wouldn't take long. I can assure you," Bright said.

The religious leader has been outspoken in his condemnation of the movie. Though he has not seen it, he said he has seen scripts of the film and talked with Universal insiders who have seen it.

According to those who have seen the movie, Jesus is portrayed having sexual relations with Mary Magdalene in a dream sequence. A conservative Christian who saw the movie said Christ is shown as a "colossal

wimp" while the strongest characters are Judas Iscariot and Satan. A few liberal Christians who have seen the film disagree and said it is not blasphemous.

In his appeal, Bright reminded Wasserman of the movie executive's participation in a meeting with Pope John Paul II last year.

Bright quoted the pope as saying to movie makers, "Your work can be a force for great good or great evil. . . . You have untold possibilities for good, ominous possibilities for destruction. It is the difference between . . . death or life of the spirit. And it is a matter of choice."

In offering to buy the movie, Bright said he is following the example of Jesus.

"It is in the spirit of the Savior of all men who paid for my mistakes that I am prepared to help you in this way," Bright wrote.

Even if the buy-out offer fails, it's another step in a strategy that is proving effective, said another critic of the film, Larry Poland, pastor at Trinity Evangelical Free Church in Highland. He also heads an evangelical ministry for those in the entertainment industry.

"I personally would be sur-

prised if Universal went for it. But it is another attempt to communicate — in language people in Hollywood can understand — exactly how strong we in the Christian community feel about this film," Poland said.

His ministry, Mastermedia International, has placed its second advertisement condemning the film in Wednesday's "Hollywood Reporter" trade newspaper. The first ad carried signatures of 61 people who work in the entertainment industry. The second will have about 130.

"There are a lot of people you'd expect, like Roy Rogers and Dale Evans. But we've also been getting calls from every level of the industry. From people you wouldn't expect . . . vice presidents . . . a guy who's been in the business for 40 years. It's encouraging," Poland said.

The letter and the ads are part of a strategy aimed at scuttling the September release of "Temptation."

"I view it as kind of a chess game. . . . We know from insiders that they are in turmoil. They're having a tough time dealing with this and they're looking for some way to get out of this thing gracefully," Poland said.

The Sun, 22 de julho de 1988, página A13.

## VOICE OF THE PEOPLE

### 'Last Temptation of Christ'

It hurts me to hear some who de-grade the character of my Lord and Savior. I'm speaking of the film to be released in the fall called "The Last Temptation of Christ" based upon the book of the same name, written by Nikos Kazantzakis. This is a Universal picture. It depicts Jesus as a wimpy, unstable and carnal man.

Scenes and quotes are definitely not according to the inspired Scriptures of God's word, and bring contempt to his holiness.

Jesus is shown having intercourse with Mary Magdalene, and an angel is asked to witness the action. After Mary Magdalene is killed, Jesus is seen at the home Mary, Martha and Lazarus where he has sex with the women who bear his children. We are then given the impression that this is a dream that Jesus is having.

How utterly preposterous that the light of the world, the very lamb of God, should be shown in such a corrupt and dishonorable manner.

This is the worst kind of blasphemy against my Creator and Redeemer. Christian friends, please send a letter of protest to the chairman of MCA, Universal's parent company, requesting that this movie not be released to the public and that the film be destroyed so that it cannot be shown at a later date.

Send your letter to Tom Pollock.

Chairman of MCA, Inc., 100 Universal City Plaza, Universal City, CA 91608.

LUE ACEVEDO  
Yucaipa

In response to Bill Bright of the Campus Crusade for Christ, may I respectfully suggest that according to The Sun, Universal Studios is presumed guilty before the jury (public) has a chance to see the evidence.

It has the ring of censorship according to the accusations by Bright and others.

In response to Bright's statement "I'm concerned that we as a country allow a handful of wealthy men to make a decision that will incur the wrath of God." Mr. Bright, east not the first stone.

Glance once at the avarice perpetrated upon the gullible by the "telemistries" is still waiting for the wrath of God for some of their mendicant shenanigans.

The First Amendment protects free speech and the press. What it means is the protection of ideas, ideas that may conflict with our own concepts and ideals.

We must also be reminded of freedom of choice. A motion picture relies on supply and demand for its revenues. If it cannot stand on its own merit in the marketplace, it will die. It is much like our modern miracle of television; if you don't like what you see, switch the dial or shut it off.

"For some reason too deep to fathom, men contend more furiously over the route to heaven which they cannot see, than over their visible walks on earth (and) it would be almost unbelie-

vable if history did not record the tragic fact that men have gone to war and cut each other's throats because they could not agree as to what was to become of them — after their throats were cut." — Chief Justice Walter Stacy, Supreme Court of North Carolina.

LEONARD A. GOYMERAC  
Redlands

Hurrah for Bill Bright and other ministers for speaking out against Universal Studios for thinking about releasing the film, "The Last Temptation of Christ." As for director Martin Scorsese and whoever wrote the script, if I were God I would pour out my wrath on them in forms of AIDS and earthquakes.

Of course, I am just a sinful human, saved by grace and the precious blood of Jesus, who did not sin!

I think we should band together and boycott every film Scorsese directs, plus Universal Studios, if they release this film.

I like to go to movies, but I can boycott this one. I am outraged! Come on, people, can't we form ourselves a gang and protest? This film will be as bad as drugs to our younger generation.

Come on, Bill Bright, let's get some laws enacted, get it put on a ballot so the voters can speak. Let's outlaw this trash.

If I were younger I would try myself.

WILLIE MAE DODD  
Rialto

I am outraged to see your front-

page treatment of Bill Bright's wishful thinking. I thought the age of book burning in the name of religion was over.

News like this gives a bad name to religion, making it seem to be stifling and suppressive.

It is one thing to report it in the religion section on Saturday, but give it a priority even over the Democratic convention was despicable. At least you could have been responsible enough to wait for Bright to do something rather than reporting his thinking about it.

THE REV. DR. MICHAEL P. SAMARtha  
Rector  
St. John's Episcopal Church  
San Bernardino

Our sincere thanks to The Sun and to Steve Cooper for the revealing article about the movie, "The Last Temptation of Christ," produced by Universal Studios.

It is our prayer that the movie will never be released and that Christians all over the United States will rise up in protest against these lies about our lord, Jesus Christ.

God will not be mocked and his wrath is mighty.

KEN and MARY MANN  
San Bernardino

### Letters welcome

Letters will be selected on the basis of their merit on a subject of current interest. Please limit them to 250 words. Letters must be signed, include your street address or post office box and a daytime telephone number. Writers are limited to one letter every two months. Address letters to: Editor, The Sun, 389 North D Street, San Bernardino, California 92401.

## **VISUAIS**

THE LAST TEMPTATION OF CHRIST. Martin Scorsese. Produção: Barbara de Fina. Estados Unidos, Universal Pictures, 1988.